

Jurandir Westphal

O filme Madagascar e as relações entre Sociedade e Natureza

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina apresentado como requisito parcial à obtenção do diploma de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Dr^a. Mariana Brasil Ramos

Coorientadora: Msc. Gabriela de Leon Nobrega Reses.

**Florianópolis
2013**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Westphal, Jurandir

O Filme Madagascar e as Relações entre Sociedade e Natureza / Jurandir Westphal; orientadora, Mariana Brasil Ramos ; co-orientadora, Gabriela de Leo Nobrega Reses. - Florianópolis, SC, 2013.

97 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas. Graduação em Ciências Biológicas.

Inclui referências

1. Ciências Biológicas. 2. concepções de natureza. 3. audiovisual . 4. meio ambiente. 5. relação homem versus natureza. I. Brasil Ramos, Mariana . II. Leo Nobrega Reses, Gabriela de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. IV. Título.

Folha de aprovação

Aos meus irmãos, Vanderson e Jackson, que apesar das dificuldades e desavenças encontradas no caminho, sempre souberam me dar apoio nos momentos difíceis da minha jornada.

Às minhas sobrinhas, Franciele e Francini, que em momentos de dificuldade esboçavam um sorriso contagiante em seus rostos, o que me fortalecia e me dava forças para seguir em busca dos meus sonhos.

Em especial dedico esse trabalho aos meus pais, Dulce e Osni, que em momento algum de suas vidas mediram esforços para proporcionar aos seus filhos melhores oportunidades de vida. Sem os quais, esse presente trabalho, símbolo de uma conquista, não se teria tornado realidade. Os quais são exemplos na minha vida: exemplos de luta, determinação, coragem e ousadia. Admiro-os profundamente.

Amo vocês

Agradecimentos

Agradeço à professora Mariana Brasil, pela disponibilidade ao ter me orientado, pela atenção que despendeu nesse tempo de orientação, e por ter me oportunizado um contato com um mundo de conhecimento encantador, no qual adentrei por acaso e me apaixonei. Obrigado professora por ter oportunizado a abertura de uma visão mais crítica a respeito do ensino de Ciências e Biologia, a qual levarei para todo o sempre. Onde quer que eu vá, estarei levando os seus ensinamentos comigo. Agradeço principalmente pela paciência que teve, principalmente nos momentos mais conturbados, sabendo sempre manter a calma e a serenidade e conduzir o trabalho de uma forma tranquila que proporcionou o meu crescimento como acadêmico e principalmente como ser humano.

Agradeço à professora Gabriela Leon de Nóbrega Reses, por ter aceitado o desafio de me coorientar, ainda mais sendo que o presente trabalho, fugiu da sua atual linha de pesquisa. Mas aceitou o desafio, e de forma conjunta vencemos o mesmo, sendo que o presente trabalho se mostra como sendo um fruto do esforço conjunto.

Agradeço aos professores, tutores do curso, à coordenação, à professora Maria Marcia Imenes Ishida por ter sempre me apoiado e auxiliado nos momentos em que mais precisei durante todo o curso. Aos meus professores, mestres na arte de ensinar, os quais levarei em minha mente e meu coração onde quer que eu vá. Aos tutores, que tiveram que me aguentar, lendo as incansáveis mensagens de dúvida e a famosa frase “eu não estou entendendo nada”, por terem mantido sempre a calma e me auxiliado.

Aos meus colegas de uma forma geral, os quais me acompanharam durante toda essa jornada e aqueles que ficaram para trás, mas que não foram esquecidos. Quero agradecer à Tatiana (Taty) pelas incontáveis vezes em que estudamos juntos por msn, ou mesmo antes da prova, e principalmente por ter me dado força e apoio quando pensei em desistir. Parte dessa conquista também é sua Taty. À Cileide, que de uma forma simples sempre sabia animar o grupo e liderar todos para continuarmos seguindo sempre em frente. Ao colega Alexandre, meu companheiro no Estágio Supervisionado I, e à colega Jussiani, que me acompanhou no Estágio II. Que de uma forma divertida fez com que eu deixasse de lado alguns medos e paradigmas aos quais me encontrava enraizado. E a todos que não tiveram seus nomes aqui citados de forma direta, saibam que estão sendo contemplados.

Ao polo, que proporcionou a oportunidade e todo o apoio que despenderam durante o curso.

Enfim, agradeço a todos que fizeram parte da minha vida, em algum momento até hoje. Todos são especiais, de sua maneira.

E por último, mas não menos importante agradeço a Deus, que proporcionou saúde e condições para que pudesse estar correndo atrás de um sonho, e poder realizá-lo.

Obrigado a todos.

Prefiro ser um homem de paradoxos que um
homem de preconceitos.
(Jean Jacques Rousseau)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho não foi uma escolha muito fácil de ser realizada. Esse é meu terceiro tema de TCC, ou melhor falando, o terceiro projeto que finalmente chegou ao fim...

Minha primeira opção era na área de farmacologia, onde gostaria de estudar as plantas medicinais e a sua ação farmacológica no Sistema Nervoso Central, porém pela falta de disponibilidade de me mudar para Florianópolis, restava apenas a opção de uma revisão bibliográfica sobre o tema. Tentei começar, li alguns artigos, fazer o escopo do projeto, mas não estava me identificando com aquilo. Revisão bibliográfica apenas não era o que eu buscava, desisti e decidi buscar outro tema.

Acabei por entrar na botânica, mais pela disponibilidade e presença do professor, do que realmente pelo tema. O projeto era fantástico, trabalhar com algas como indicadores de mudança climática. Uma área que parecia promissora, possibilidade de escrever vários artigos, o que me instigou a continuar por um bom tempo. Estudar aquele tema, não se tornou tão prazeroso como eu imaginei que seria. Tentei continuar, mesmo assim, mas chegou a certo ponto em que estava sendo difícil de trabalhar, não estava mais conseguindo me concentrar e entrava em pânico só de pensar no TCC. Por meio de um e-mail à coordenação do curso, relatei o meu descontentamento e perguntei se existia a possibilidade de trocar de tema.

Após o aval positivo da coordenação, tentei buscar alguns orientadores, que falaram não acharem interessante, devido ao pouco tempo. Até que consegui falar com a professora Mariana (Mari), que havia lecionado a disciplina de Educação, Meio Ambiente e Sustentabilidade, contando que gostaria de trabalhar com Educação Ambiental.

Confesso que no início tive vontade de sair correndo, afinal, foram tantas perguntas e questionamentos feitos pela Mari que acabei por pensar se era realmente aquilo que queria. Após um pouco de crise decidi que era isso que eu realmente queria, e começamos a discutir o tema.

Mais uma dor de cabeça: conseguir me limitar, afinal, sempre queria fazer um projeto grandioso. E a Mari fazendo com que os meus pés ficassem no chão. Vários momentos foram os em que eu tentei fazer ou queria algo que fosse além do que era possível no momento.

O início foi muito difícil, conseguir sentar e escrever, reunir e adequar as minhas ideias dentro das possibilidades, as minhas sugestões com as da Mari. Mas conseguimos sentar e escrever juntos, dando o pontapé inicial.

Acabei por escolher o presente tema por alguns motivos: adoro ler, queria poder fazer algo no qual eu pudesse demonstrar minha opinião e ponto de vista, ou seja, um assunto que fosse algo mais subjetivo e não tão indicado como geralmente em outras áreas. O desejo e ao mesmo tempo a curiosidade em poder olhar e analisar os filmes, de uma forma que pudesse realmente entender o que geralmente não é explícito. O prazer e o desejo de analisar e criticar aquilo que nos é mostrado.

Pensar os filmes como uma estratégia e uma possibilidade de ensino de ciências e biologia, sim. Afinal, por experiência própria, os professores geralmente passavam filmes “por passar” e nunca discutiam aquilo, aguçando um olhar mais crítico às imagens que vão se formando em frente aos nossos olhos.

Além disso, filmes se encontram em todos os meios. Acabando por se tornar um espaço que nos ensina sem que muitas vezes nos demos conta. Sendo assim, o lazer pode e acaba por se tornar um aprendizado.

RESUMO

O presente trabalho analisa o filme de animação Madagascar em suas narrativas sobre as relações entre natureza e sociedade. Parte-se do pressuposto de que os filmes são pedagógicos, pois instituem formas de significar natureza e sociedade que poderão compor/construir os sujeitos que assistem estas linguagens audiovisuais. Sendo este um filme de animação destinado ao mais variado público, interessa-nos compreender como estas linguagens operam na construção de algumas visões de natureza e de algumas visões de sociedade que, de alguma forma, se expressam na animação. Para tal, inspiramo-nos em autores que sistematizam modos de análise desta interface audiovisual e educação para compor nossas próprias categorias no caso da investigação deste filme. Além disso, dado o nosso foco de análise – natureza e sociedade – baseamo-nos também em autores que investigam diferentes concepções de natureza. Como resultados, destacamos a prevalência de que se desenvolvem ao longo do mesmo, tais como uma visão romântica de natureza, baseada em Rousseau, , uma relação de natureza *versus* sociedade, na qual, homem e natureza não conseguiriam coexistir no mesmo lugar. Destacamos também que nos processos de humanização das personagens (que são animais), estes trazem estereótipos sociais, com certos papéis atribuídos às mulheres (representadas por um hipopótamo fêmeo), aos “humanos” (representados pelos macacos), e às populações tradicionais (representadas pelos lêmures). Estas são algumas das questões observadas através da análise do filme, que poderiam ser trabalhadas e problematizadas em situações de educação ambiental.

Palavras Chaves: meio ambiente, audiovisual, concepções de natureza, relações homem *versus* natureza.

ABSTRACT

This paper analyzes the animated film Madagascar in their narratives about the relationship between nature and society. This is on the assumption that the films are educational as establishing ways of signifying nature and society that may compose / construct subjects who watch these audiovisual languages. Since this is an animated film aimed at more varied audience, we are interested in understanding how these languages operate in the construction of some versions of nature and some versions of society, somehow, are expressed in the animation. To this end, we are inspired by authors that systematize modes of analysis of this interface audiovisual and education to compose our own categories in the case of the investigation of this film. Furthermore, given our focus of analysis - nature and society - we rely also on authors investigating different conceptions of nature. As results, we highlight the prevalence of which develop along the same, such as a romantic vision of nature, based on Rousseau. , A relationship of nature versus society in which man and nature, can not coexist in the same place. We also note that in the process of humanization of the characters (which are animals), these bring social stereotypes with certain roles assigned to women (represented by a hippopotamus), the "human" (represented by the monkeys), and traditional populations (represented by lemurs). These are some of the issues observed by analyzing the film, which could be worked on and problematized in situations of environmental education.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1: Imagem disponível no blog em Inspirados por Natureza... | 27 |
| FIGURA 2: Imagem disponível no blog “Sou Biruta”..... | 28 |
| FIGURA 3: Imagem disponível no Blog “Diário de Bordo”..... | 28 |
| FIGURA 4. Imagem retirada do Blog “Fotos para Ver” | 30 |
| FIGURA 5. Imagem de Natureza retira do Blog “Pedra de Alquimia”. | 31 |
| FIGURA 6. Imagem de Natureza retirada do Blog “Banco do Planeta”..... | 32 |
| FIGURA 7: Imagem disponível no blog “dia do meio ambiente”..... | 35 |
| FIGURA 8: Alex, o leão da série Madagascar..... | 68 |
| FIGURA 9: Marty, a zebra da série Madagascar..... | 69 |
| FIGURA 10: Glória a hipopótoma do filme da Série Madagascar..... | 70 |
| FIGURA 11: Melman, a girafa da série de filmes Madagascar..... | 71 |
| FIGURA 12: Marty logo no início do filme correndo pela natureza..... | 79 |
| FIGURA 13. Fonte: As fossas da serie Madagascar..... | 81 |
| FIGURA 14: Os animais chegam a Ilha de Madagascar..... | 82 |
| FIGURA 15. Melman preso em meio as plantas..... | 83 |
| FUGURA 16: Os nativos da Ilha de Madagascar: os lêmures..... | 84 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|---------|
| TABELA 1. Revisão de algumas Revistas de Educação Ambiental do Brasil com acesso online..... | 39 a 41 |
| TABELA 2. Títulos das revistas e as palavras chaves, das que foram destacas na busca em revistas de Educação Ambiental do Brasil com acesso online..... | 41 a 43 |

Sumário

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO: Leituras de Meio Ambiente e Natureza “por aí” | 25 |
| OBJETIVO GERAL | 37 |
| OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 37 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO: O que nos dizem as pesquisas em Educação Ambiental e Audiovisual?..... | 39 |
| 2.1 O audiovisual como pedagógico: como o artefato nos ensina sobre as coisas do mundo, nos ensina conceitos, modos de ser e representar | 49 |
| 2.2 Relações entre Sociedade e Natureza/Meio Ambiente | 56 |
| 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: como traçamos nossos caminhos de análise | 63 |
| 3.1 Apresentando o Objeto de Estudo: o filme Madagascar | 64 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 67 |
| 4.1. Tecendo um breve perfil dos personagens do filme Madagascar..... | 67 |
| 4.2. A Humanização dos Animais: que humanos são estes?..... | 72 |
| 4.3. Zoológicos: Espaços de Educação Ambiental?..... | 75 |
| 4.4. A Natureza no filme Madagascar | 78 |
| 4.5. Sociedade <i>versus</i> Natureza | 84 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 91 |
| REFERÊNCIAS | 93 |

1 INTRODUÇÃO: Leituras de Meio Ambiente e Natureza “por aí”

Compreender as relações entre sociedade e natureza, ou entre sociedade e meio-ambiente é uma tarefa bastante complexa. Isto porque há inúmeras formas de se compreender e se relacionar com cada uma destas instâncias. Para exemplificarmos esta complexidade, procedemos a um hábito bastante comum em nosso cotidiano atual: ao digitarmos em um site de busca na *internet* a palavra natureza, o primeiro item que aparece é do *site* G1¹. Ele traz vários artigos que, de alguma forma, estão ligados a questões relacionadas a diferentes ideias de natureza, como por exemplo: “desmatamento sobe 26% na Amazônia nos últimos 7 meses, aponta Inpe”. Esta primeira chamada do site G1 faz menção à natureza associada à floresta amazônica, que, por sua vez, já faz parte das ideias das pessoas como um lugar verde, sem a presença de seres humanos, prevalência de fauna e flora em um único local.

Ao mesmo tempo podemos perceber uma visão de natureza relacionada à matematização da mesma, já que a notícia se dá em função de dados estatísticos sobre o desmatamento. Uma visão que pode ser associada à mecanização da natureza, à ideia de que esta possa ser transformada em dados quantificáveis cuja soma nos daria uma noção do todo. Pois, de acordo com essa visão, a natureza poderia ser dividida em várias peças, para ser estudada. Imaginamos um relógio, que é composto de várias engrenagens, que, trabalhando em conjunto, formam o funcionamento de todo o sistema: o relógio. Para entendê-lo melhor, dever-se-ia partir de suas engrenagens. Essa é uma visão cujas origens estão nos séculos XVI e XVII, que foi fortemente influenciada pelo pensamento de René Descartes, que afastava o ser humano e a natureza do mesmo plano. Apesar de ser uma visão de séculos anteriores, ainda se perpetuando nos dias atuais.

Tal paradigma permitiu que a natureza passasse a ser estudada e entendida como algo mecânico, cujo funcionamento poderia ser estudado de forma fracionada a fim de se ter o conhecimento do todo a partir do conhecimento sobre as partes. BELINASSO, SAMPAIO & NOAL, 2009, p. 16

Dando continuidade a esta “imersão virtual” sobre natureza, na mesma página (G1), é possível visualizar algumas imagens, tais como a

¹ Fonte: Natureza no *site* G1, Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/>.

primeira cena um vídeo onde temos um rio, com árvores à margem direita e com pássaros sobrevoando-o. Outra imagem retrata dois seres humanos (guardas florestais) carregando um leopardo que invadiu uma cidade e, logo abaixo, um ser humano cuidando de um primata. Na chamada e na primeira imagem, verifica-se a ausência dos humanos na construção do conceito de natureza. Nas duas imagens subsequentes, pode-se interpretar os seres humanos estando em uma relação diferente com a natureza: o ser humano pode ser visto como aquele que cuida dela, que a preserva.

O segundo *site*, da Wikipédia, traz a seguinte definição:

A Natureza, em seu sentido mais amplo, é equivalente ao mundo natural ou universo físico. O termo "natureza" faz referência aos fenômenos do mundo físico, e também à vida em geral. Geralmente não inclui os objetos artificiais construídos pelo homem².

Esse conceito descarta o ser humano como sendo parte da natureza, faz e deixa essa divisão bem nítida, inclusive fazendo menção às coisas construídas pelos humanos.

A revista *Natureza*, terceiro item da lista de *sites*, é uma publicação direcionada ao paisagismo e à jardinagem. Ela traz uma série de artigos, tais como: “O segredo Dos Jardins Floridos”, “Os Mais Belos Jardins”, “Novas Flores da Primavera”. Neste item pode-se perceber que já existe uma ligação de natureza a algo criado ou modificado pelo homem. Pois, geralmente, os jardins são resultados da ação humana. Ainda assim, por serem espaços onde há plantas e outros animais, também estão associados à ideia de verde, de espaços de florestas.

No *site* da revista aparecem algumas imagens, tais como uma criança estendendo a mão de forma delicada para encostar-se a uma planta, como se essa fosse algo sensível e necessitasse de cuidado. Outra imagem com uma piscina e uma casa aos fundos, mas com predomínio do verde. Existe um muro verde na lateral da piscina, percebem-se nessa imagem poucas flores, mas uma grande presença do verde, dando uma “quebra” na sensação que o leitor da imagem tem ao passar os seus

² Fonte: Wikipédia, acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Natureza>.

olhos pela mesma, passando a expor uma “harmonia” entre a construção e o verde, aproximando-se ao máximo da “natureza”.

Voltando à página de busca, quando fazemos um recorte de pesquisa por imagens de natureza, aparecem as seguintes:



FIGURA 1: Imagem disponível no blog em Inspirados por Natureza.³

³ Fonte: Imagem de Natureza, Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://viverdeeco.com/2010/05/04/estudo-5-minutos-em-contato-com-natureza-melhoram-saude-mental/>.



FIGURA 2: Imagem disponível no blog “Sou Biruta”⁴



FIGURA 3: Imagem disponível no Blog “Diário de Bordo”⁵

⁴ Fonte: Imagem de Natureza, Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://soubiruta.blogspot.com.br/2012/11/recordes-da-natureza.html>.

⁵ Fonte: Imagem de Natureza, Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://diariodebordo5c.blogspot.com.br/2011/04/textos-produzidos-sobre-o-tema.html>.

Acima são mostradas apenas as três primeiras das várias imagens que aparecem. Destacamos que, nenhuma das cinco primeiras imagens traz pessoas, ou algo relacionado à cultura humana, apenas paisagens, imagens de animais e, sobretudo de flora.

Nas próximas cinco imagens se destacam árvores, água, montanhas. Uma delas retrata um caminho que aparentemente é construído de pedras, porém quase todo coberto por folhas que foram caindo das árvores ao longo do caminho, como pode ser observado na figura 4. A nona imagem traz um chalé construído de madeira, algo rústico, que na imagem se confunde com o fundo de montanhas rochosas, dando a impressão que o chalé “faz parte” daquela paisagem, está em harmonia com a mesma, como pode ser observado na figura 5. Apenas na décima primeira imagem aparece um ser humano, em tamanho pequeno mediante a representação grandiosa da cachoeira à sua frente. Este ser humano está retratado usando roupas vermelhas, que lhe confere um destaque na imagem em que predomina o verde, mas está representado de forma tão pequena em relação a toda a fotografia, que fica a impressão de que a natureza é dominante ou predominante em toda a imagem, como pode ser observado na figura 6.

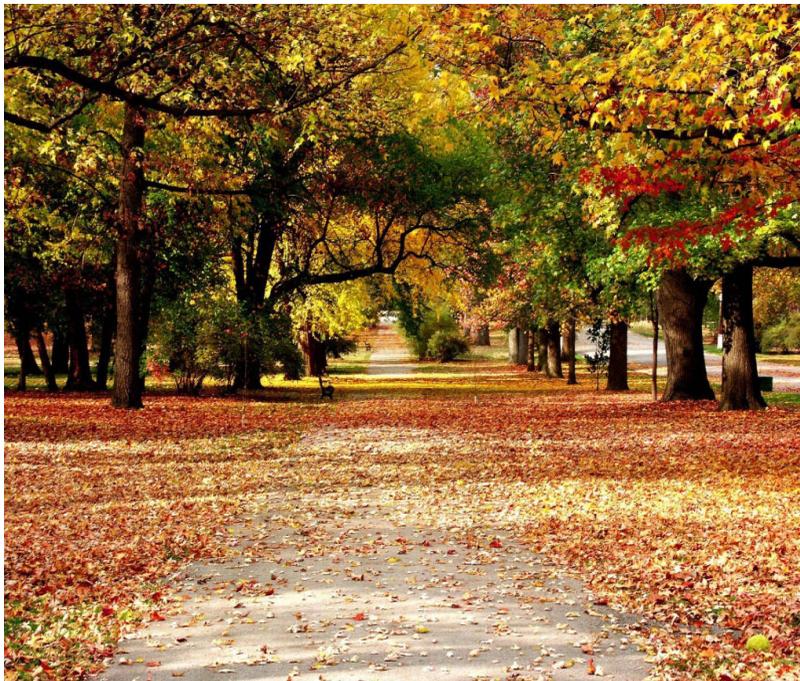


FIGURA 4. Imagem retirada do Blog “Fotos para Ver”.⁶

⁶ Fonte: Imagem de Natureza retirado do Blog “Fotos para Ver”. Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://fotospraver.blogspot.com.br/2012/11/fotos-lindas-da-natureza.html>.



FIGURA 5. Imagem de Natureza retirada do Blog “Pedra de Alquimia”.⁷

⁷ Fonte: Imagem de Natureza retirada do Blog “Pedra de Alquimia”. Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://pedradealquimia.blogspot.com.br/2011/10/natureza-paz.html>.



FIGURA 6. Imagem de Natureza retirada do Blog “Banco do Planeta”.⁸

Trouxemos essas imagens como as que estão acima sendo mostrada, para demonstrar que existem várias formas de se representar a natureza. Após esse primeiro exercício, podemos perceber que dessa pluralidade, alguns significados sobre natureza se destacam: a presença de paisagens que possuem em sua constituição montanhas, predomínio do verde, presença de vegetais (árvores, arbustos e folhas); a ausência de seres humanos; quando aparece algo associado à ação humana, é algo que se encontra de uma forma tão harmônica com aquele ambiente da imagem em questão, que parece que faz parte do mesmo, que sempre esteve naquele local, e não algo “externo”.

As primeiras imagens quase não trazem seres humanos e, quando trazem, é algo “distante”, em que conseguimos apenas identificar a presença de um ser humano, mas que não se pode definir nitidamente.

⁸ Fonte: Imagem retirada do Blog “Banco do Planeta”. Acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://www.comunidadebancodoplaneta.com.br/profiles/blogs/natureza-um-presente-de-deus>.

Fica evidente uma grandiosidade da natureza em relação ao homem, a ideia de natureza vinculada a paisagens e ao verde.

E o que ocorre quando digitamos as palavras meio ambiente em um *site* de busca? O primeiro *site* da Wikipédia, traz a seguinte definição

“O meio ambiente, comumente chamado apenas de ambiente, envolve todas as coisas vivas e não vivas ocorrendo na Terra, ou em alguma região dela, que afetam os ecossistemas e a vida dos humanos. É o conjunto de condições, leis, influências e infraestrutura de ordem física, química e biológica, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (WIKIPÉDIA, Acesso em 30de Março de 2013)⁹.

Apesar de o conceito fazer referência à vida “em todas as suas formas”, no lado esquerdo da página temos imagens mostrando flores, montanhas, lagos, árvores, todos os elementos possíveis, porém em nenhuma imagem aparece o ser humano ou algo que faça referência a este: ele é excluído das imagens.

É possível quando observa-se essas imagens, um tanto bucólicas, certo “desejo” de estar naquele ambiente. São imagens que passam uma tranquilidade, são belas, e convidativas a um passeio por elas. Para Guimarães, Sampaio & Noal (2009), esta ideia de natureza tem origem após a revolução industrial, numa época em que alguns filósofos defendiam um “retorno” às boas condições de vida (longe da poluição dos grandes centros urbanos) da era pré-industrial. Em suas palavras, a natureza “*seria representada por uma visão idílica e bucólica da vida no campo. Também não se trata de uma vida selvagem, inóspita, mas de uma natureza domesticada de acordo com determinados parâmetros estéticos*” (GUIMARÃES, SAMPAIO & NOAL, 2009, p. 17).

Ainda de acordo com os autores seria,

“uma natureza vista como bela e inspiradora; um refúgio para a burguesia cansada da fumaça dos centros industriais. Por outro lado, não deixa de

⁹ Fonte: Meio ambiente, acessado em 30 de Março de 2013.
Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Meio_ambiente.

ser, também, uma natureza que precisa ser domada, domesticada, para corresponder aos parâmetros estéticos almejados por tais sensibilidades: essa deveria ser uma natureza, que não oferecesse perigos e com a qual se pudesse viver pacificamente. Além disso, destacamos que essas imagens de uma natureza romântica e idílica persistem em algumas narrativas ambientalistas contemporâneas” (GUIMARÃES, SAMPAIO & NOAL, 2009, p. 18).

O que reforça as análises que vínhamos fazendo das imagens anteriormente abordadas, nas quais podemos observar estas possibilidades de interpretação da natureza. Em especial, destacamos a página sobre jardinagem e sua tentativa de fazer conviver em harmonia o espaço do verde com a moradia humana.

Quando pesquisamos “meio ambiente” no mesmo *site* de busca por imagens, as três primeiras que apareceram são bem próximas às citadas anteriormente, porém a quarta e quinta já mostram o ser humano, numa condição de “ser que preserva”.



FIGURA 7: Imagem disponível no blog “dia do meio ambiente”¹⁰

Aqui é mostrada a ideia de que o ser humano pode salvar o meio ambiente, que no caso é retratado pelo planeta Terra. Mas por que usar crianças? Talvez porque elas sejam o futuro das gerações presentes? Uma interpretação possível é que seja para reforçar a ideia de que o mundo precisa ser salvo para que as futuras gerações tenham um ambiente. Porém, as crianças retratadas na imagem não estão inseridas dentro do planeta, estão segurando-o, ou seja, não fazem parte dele, mas estão cuidando dele. Aqui é possível interpretar um afastamento entre sociedade (representada pelas crianças) e a natureza, ou ambiente (representados pelo planeta) que, além de tudo estaria em “suas mãos”.

Porém, deve-se levar em consideração que ao mesmo tempo em que a mídia aborda, ou melhor, retrata a imagem de uma natureza frágil

¹⁰ Fonte: Imagem do Blog “dia do meio ambiente”, acessado em 30 de Março de 2013. Disponível em: <http://mundoverde.com.br/blog/tag/dia-do-meio-ambiente/>.

e em perigo, em outros momentos ela transmite a imagem de uma natureza forte, vingativa. O discurso frequente das enchentes, das mudanças climáticas ou outras catástrofes de causas naturais, entre tantos outros exemplos. Nos casos de tsunamis é facilmente perceptível esse discurso da força da natureza se “voltando contra os seres humanos”. Quantas vezes não foram veiculadas na mídia chamadas de matérias, ou em revistas artigos com a expressão “a fúria da natureza”, ou “a força incontrolável da natureza”?

Com esse discurso os espectadores ou os leitores podem ficar com a impressão de que aquela catástrofe simbolizaria a natureza como uma entidade, se vingando das atitudes que o ser humano toma em relação à mesma. Muitas vezes, junto a essas matérias pode vir à ideia de preservar e cuidar da natureza para que essas situações não venham a ocorrer novamente. A mídia constrói discursos que podem ser considerados antagônicos, ora representando a natureza como frágil e precisando ser cuidada, ora como forte e “furiosa”, porém intimamente ligados pela ideia de que, por uma razão ou outra, devemos respeitar a natureza. De uma forma ou de outra, o afastamento entre natureza e sociedade se mantém nestes discursos, constituindo uma dicotomia.

Sobre esta dicotomia, alguns autores chamam a atenção para a ideia de que separar os seres humanos da natureza pode ser considerada uma ilusão:

(...) se pararmos para refletir, a própria ação de se isolar uma área específica, retirando seus habitantes e deixando-a intocada, não poderia ser entendida como uma marca humana sobre a natureza? Isto é, essa também não seria uma natureza produzida pela cultura? (GUIMARÃES, SAMPAIO & NOAL, 2009, p. 28).

Este discurso é reforçado pela mídia todos os dias, relacionado aos discursos de preservação ambiental, como se fosse necessário “salvar o mundo”, ter “cuidado” com o mesmo, pois este está em “perigo”, evidenciando-se uma ideia de fragilidade. Seria através destes discursos que se justificaria uma “função do ser humano” de cuidar do meio ambiente, bastante propagada pelas práticas de educação ambiental.

Atualmente é notável um esforço em se mudar a forma de pensar da sociedade em pouco tempo, através de práticas de educação

ambiental. É importante destacar que esta “educação” não é promovida apenas pelos espaços de educação formal, mas, como buscamos mostrar através desta pequena análise de espaços midiáticos disponibilizados na internet, quase todos estes artefatos ou produtos culturais trazem discursos sobre as relações entre ambiente, natureza, cultura e sociedade. Discursos estes que podem passar a serem incorporados pela diversidade de sujeitos que entram em contato com os mesmos, ou, em outras palavras, estes modos de ver como estas relações podem ser aprendidas por seus observadores. Segundo Fischer,

nossa experiência com os objetos artísticos ou, mais amplamente, com os diferentes artefatos culturais – filmes, pinturas, esculturas, peças de teatro, programas de televisão -, especialmente aqueles que nos tomam por completo o olhar, diz respeito a um aprendizado muito específico, de nos olharmos também naquilo que olhamos, e de pensar a partir do que foi visto, de tomar para nós o que alguém pensou e que tornou de alguma forma visível, público (FISCHER, 2003, p. 12).

Desta forma, torna-se importante, compreendermos como alguns artefatos Percebe-se que a autora reforça exatamente que não existe um discurso certo sobre meio ambiente, natureza e a forma de nos relacionarmos com esses. Não existe “uma receita de bolo” a ser seguida, em especial, quando pensamos em Educação. São várias correntes que vão se construindo em cima de filosofia, bases culturais, costumes e crenças de cada indivíduo.

Neste sentido, o presente trabalho, ao se debruçar sobre um artefato audiovisual da atualidade – o filme Madagascar – nos auxilia a compreender um pouco destas formas de se narrar as relações entre ambiente e sociedade. Assim, os **objetivos do trabalho** ficam a seguir descritos:

OBJETIVO GERAL:

Analisar o filme Madagascar em suas representações sobre Natureza e Sociedade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Caracterizar as personagens do filme e suas representações;

Sistematizar as relações estabelecidas entre as personagens e suas ideias, ou ideais de natureza e meio-ambiente;

Discutir limites e contribuições da discussão deste filme para a Educação Ambiental. Entender um pouco de como os aspectos culturais funcionam/atuam na produção destas representações sobre as relações entre natureza, meio-ambiente e sociedade. Em outras palavras: como estes artefatos nos ensinam a pensar e agir sobre a natureza e o meio-ambiente?

O presente trabalho visa primeiramente mostrar vários discursos que existem sobre meio ambiente, sociedade e natureza e não uma visão única, como muitos acreditam. Como é reforçado por Wortmann:

não é possível afirmar a existência de uma unidade de discurso sobre a natureza, também não é possível afirmar a existência de um único discurso “utilitarista” e, tampouco, de um único discurso de “dependência”, de temor, ou de “sacralização” da natureza, porque as diferentes representações circulam sob a forma de também diferentes enunciados” (WORTMANN, 2001, p. 124).

2. REFERENCIAL TEÓRICO: O que nos dizem as pesquisas em Educação Ambiental e Audiovisual?

Para compreender como vem sendo academicamente trabalhada a interface entre educação ambiental e audiovisual, bem como, as representações sobre natureza e ambiente, foi realizada uma revisão nas principais revistas de Educação Ambiental do Brasil, com acesso online. Ela foi desenvolvida através da busca, no título dos artigos, das seguintes palavras-chaves: vídeo; audiovisual; cinema; gêneros audiovisuais (desenho animado, filme, novela, anúncio publicitário, etc.); televisão; TV; visão de natureza; compreensão de meio-ambiente; ideias de estudantes; educação ambiental crítica, análise, pedagogia cultural. Na tabela abaixo estão listadas as revistas e o número de trabalhos de interesse encontrados:

| Revista | Quantidade de artigos encontrados |
|--|--|
| 1 Revista Brasileira de Educação Ambiental (2012) | - |
| 2 Revista Brasileira de Educação Ambiental (2011) | - |
| 3 Revista Brasileira de Educação Ambiental (2010) | - |
| 4 Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (2013) | - |
| 5 Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (2012, V. 29) | - |
| 6 Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (2012, V. 28) | 3 |
| 7 Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (2011, V. 27) | 3 |
| 8 Revista de Comunicação e Educação Ambiental (2013, VI, n. 01) | - |

| | |
|---|---|
| 9 Revista de Comunicação e Educação Ambiental (2012, V.1, n. 02) | - |
| 10 Revista de Comunicação e Educação Ambiental (2012, V.1, n. 01) | - |
| 11 Revista de Comunicação e Educação Ambiental (2011, V.1, n. 02) | - |
| 12 Revista de Comunicação e Educação Ambiental (2011, V.1, n. 01) | - |
| 13 Pesquisa em Educação Ambiental (V.7, n. 02) | - |
| 14 Pesquisa em Educação Ambiental (V.7, n. 01) | 1 |
| 15 Pesquisa em Educação Ambiental (V.6 n. 02) | 2 |
| 16 Pesquisa em Educação Ambiental (V. 6, n. 01) | 2 |
| 17 Pesquisa em Educação Ambiental (V. 5, n. 02) | 1 |
| 18 Ambiente e Educação, Revista de Educação Ambiental (V. 17, n. 01) | 1 |
| 19 Ambiente e Educação, Revista de Educação Ambiental (V. 16, n. 02) | - |
| 20 Ambiente e Educação, Revista de Educação Ambiental (V. 16, n. 01) | 2 |
| 21 Ambiente e Educação, Revista de Educação Ambiental (V. 15, n. 02) | 3 |
| 22 Ambiente e Educação, Revista de Educação Ambiental (V. 15, n. 01) | 4 |
| 23 Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (V. 10, n. 10) | - |

| | |
|---|---|
| 24 Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (V. 09, n. 09) | - |
| 25 Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (V. 08, n. 08) | - |
| 26 Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (V. 07, n. 07) | - |
| 27 Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (V. 06, n. 06) | - |

TABELA 1. Revisão de algumas Revistas de Educação Ambiental do Brasil com acesso online.

A partir desta tabela evidencia-se que o tema tem uma inserção relativamente pequena nos periódicos brasileiros especializados em Educação Ambiental, o que aponta para a importância deste trabalho. Os trabalhos encontrados que se relacionam às temáticas de interesse para nosso trabalho podem ser mais bem visualizados na tabela abaixo:

| Título do artigo | Temáticas de interesse |
|---|---|
| O meio ambiente “produzido” pelas ONGs: reflexão sobre a percepção de campanhas ambientalistas. | Campanhas ambientais, narrativas, estudantes, mídia. |
| Contribuições das histórias em quadrinhos de Chico Bento para a educação ambiental | Educação ambiental, artefato cultural, leitura de discursos. |
| Práticas pedagógicas multiplicadoras de saber sobre o ambiente | Educação ambiental, escola, currículo. |
| Coexistência de diferentes tendências em análises de concepções de educação ambiental | Educação ambiental, concepções de meio ambiente. |
| Apontamentos sobre o cinema ambiental: a invenção de um gênero e a educação ambiental | Educação ambiental, cinema, historiografia. |
| O saber ambiental de todos nós: uma visão romântica e naturalista impedem de reformar nosso pensamento sobre a relação ser humano-natureza. | Natureza, relações humanas, visões de natureza. |
| Império da Natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas | Fotografia, educação ambiental, natureza, pedagogias culturais. |

| | |
|---|--|
| fotografias da revista <i>National Geographic Brasil</i> . | |
| O Teatro do Oprimido como instrumento para educação ambiental. | Educação ambiental, pedagogia cultural. |
| Análise de concepções e visões de professores de ciências sobre educação ambiental. | Educação ambiental, concepções, modos de pensar |
| Imagens a fabular meio ambiente: desejos, perambulações, fugas, convites | Educação ambiental, arte, vida, fabulas. |
| Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia. | Mídia, educação, meio ambiente, educação ambiental. |
| Tecendo educação ambiental e estudos culturais | Educação ambiental, dispositivo artístico, pedagogias culturais. |
| Estudo de percepção ambiental com alunos de escola municipal localizadas no entorno do parque estadual da Serra do Rola-Moça. | Educação ambiental, percepção alunos. |
| Percepção ambiental dos professores dos Cursos Técnicos do IF-SC – Campus Florianópolis – Continente | Percepção ambiental, educação ambiental, meio ambiente. |
| Educação ambiental na percepção de uma comunidade de pescadores artesanais na costa Paranaense. | Meio ambiente, percepção. |
| O conceito de natureza como ponto de partida na pedagogia de Rousseau | Natureza, pedagogia, Rousseau. |
| À beira da pista: intersecções do cinema em educação ambiental. | Cinema, educação ambiental. |
| A educação ambiental a partir das valorações na obra “A ideologia alemã”. | Análise, educação ambiental. |
| Refletindo sobre a relação entre natureza humana, valores capitalistas, e a crise ambiental: contribuições para a promoção da educação ambiental crítica. | Educação ambiental, relação ser humano e ambiente, estudantes. |
| O processo de construção das concepções de natureza. Uma | Educação ambiental, meio ambiente, concepções de |

| | |
|---|---|
| contribuição para o debate na educação ambiental | natureza. |
| O papel da literatura infantil como instrumento de reflexão e busca de soluções dos problemas ambientais. | Educação ambiental, arte-educação, crítica. |

TABELA 2. Títulos das revistas e as palavras chaves, das que foram destacadas na busca em revistas de Educação Ambiental do Brasil com acesso online.

De 328 artigos, apenas 23 foram selecionados, conforme pode ser constatado na tabela 2. Foram analisados os títulos dos artigos disponíveis e, quando estes continham algumas das palavras-chave acima listadas, buscávamos analisar o seu resumo. Caso o resumo estivesse relacionado às nossas análises, o artigo era lido na íntegra.

Apesar de terem sido encontrados 23 artigos, o que é um número considerável, caso viéssemos a delimitar ainda mais as palavras chaves de interesse, para cinema, vídeo, audiovisual, conceitos, e concepções de natureza, certamente esse número seria ainda menor. Em algumas revistas, como pode ser verificado acima, não consta nenhum trabalho que se relacionam às nossas temáticas. Percebe-se que desta forma, apesar de serem revistas de educação ambiental, algumas se mostram mais direcionadas a uma determinada linha dentro da educação ambiental. Outro fator relevante são as poucas publicações relacionando vídeo e educação ambiental.

É possível perceber nesta seleção que há uma grande preocupação em se investigar as concepções de ambiente, natureza e de educação ambiental. Ao mesmo tempo, a análise de espaços midiáticos, propostos como educativos já é um tema relativamente menos abordado. A seguir, discutimos alguns dos trabalhos revisados, com vistas à sistematização de um panorama sobre nossos temas de interesse. Partimos dos que tratam das visões sobre educação ambiental e meio-ambiente e natureza, passando pelos que se utilizam de diferentes espaços artísticos e midiáticos para analisar, ou educar sobre, ou para o meio-ambiente, para, ao final, abordarmos os que investigam as concepções de sujeitos sobre estes temas.

No trabalho de Iared *et. al.* (2011), os autores discutem a questão da existência de diversas vertentes na educação ambiental. Eles ressaltam que é possível perceber uma variedade de práticas educativas e discutem esta coexistência sem tentar classificá-las, pois compreendem que *“a complexidade da realidade não pode ser delimitada em rótulos ou padronizações de fenômenos, sob o risco de*

produzir imagens empobrecidas e simplificadoras” (IARED et. al., 2011, p. 15).

Ramos (2010) faz uma discussão envolvendo natureza, e a “evolução” deste conceito, desde o período grego em que a natureza era compreendida em um sentido mágico, passando pelo cristianismo, mecanicismo cartesiano, relacionando o papel da educação neste processo. Nas palavras da autora,

Na evolução da história da humanidade, articulada pelas mudanças no conceito de natureza, foi possível perceber que, na medida em que a natureza cada vez mais passou a ser vista como uma ideia, uma natureza objetiva e abstrata a ser conhecida e controlada, ela foi-se tornando mero objeto de dominação (RAMOS, 2010, p. 89).

A visão da autora retrata bem o distanciamento atual do homem e natureza, que foi discutido na introdução deste trabalho. Especialmente o fato de muitas vezes o homem ver a natureza como algo que possa ser dominado, no qual este venha a exercer o comando sobre a mesma. E quando se pensa na relação da educação com todo esse processo, a autora supra citada salienta que,

Certamente a educação tem alguma coisa a ver com essa história (busca de relação do homem com a natureza, sobretudo se for levado em conta que a educação atual ainda é fortemente marcada por uma visão de ciência que parte da contraposição entre os seres humanos e a natureza (RAMOS, 2010, p. 90).

Segundo Telles & Arruda (2011), a problemática ambiental é caracterizada pela ruptura homem/natureza, sendo este um dos fundamentos da crise de civilizações da modernidade. Para as autoras o meio ambiente não pode ser visto apenas como aquele que abriga populações biológicas, mas sim como um modo de vida das populações de uma forma geral.

Pereira (2010), apresenta a “*discussão acerca da natureza humana e sua relação com a sociedade civil no contexto de um dos pensadores jusnaturalistas*” (Idem, p. 70), trazendo duas concepções de natureza desenvolvidas por Rosseau: a natureza boa e a natureza corrompida. A pedagogia de Rousseau, segundo o autor, pode ser

considerada como um indicativo para a educação ambiental no sentido de fundamento primeiro da educação.

É importante reafirmar que, assim como há diferentes frentes nos processos educativos ambientais, estas se originam em diferentes concepções de educação, de ambiente, de sujeito que está sendo educado por/para o ambiente. Estes trabalhos nos levam a refletir sobre como há diversas abordagens ambientais nas práticas educativas e que estas, categorizadas ou não, influenciam a formação dos educandos sobre meio-ambiente, natureza e suas relações com a sociedade, corroborando portanto, nossa visão de compreender como se daria, num processo educativo acionado por um filme, as abordagens das questões ambientais.

No trabalho de Oliveira *et. al.*, (2010), há uma aproximação com as nossas leituras, já que este traz questões relativas a como o cinema poderia funcionar como “*intercessor de um processo de educação ambiental*” (Id. p. 180). O trabalho analisa uma experiências de leitura e produção de cinema junto a assentados em um acampamento, buscando compreender este fazer cinema e os modos de subjetivação das pessoas/personagens que ali se (trans)formavam em educação ambiental. Neste mesmo sentido compreendemos nossa obra de animação “Madagascar”, como espaço de leitura/troca sobre questões relativas ao ambiente.

Oliveira e Araujo (2012) analisaram fotografias de uma das revistas mais conceituadas no campo da divulgação científica no Brasil, a qual existe em vários outros países. Neste trabalho, os autores buscam comparar as fotos do *National Geographic Brasil* com as revistas tradicionais de educação ambiental – trabalham, portanto, com imagens. Os autores terminam o seu artigo com um item muito interessante “últimas palavras para uma natureza sem fim”. O qual é o título do último capítulo do trabalho dos autores:

Assumir similaridades entre elas [as fotografias da revista *National Geographic Brasil* às quais os autores compararam a tradição pedagógica clássica de educação ambiental] parece-nos necessário para entender que existem muitos e distintos modos através dos quais se pode referenciar a natureza de maneira a torná-la cognoscível e os modos a partir dos quais devemos nos orientar para nos relacionarmos com ela e conosco (OLIVEIRA & ARAÚJO, 2012, p. 132).

A finalização da obra traz a ideia dos autores de que nada pode ser evocado unilateralmente. Parto da premissa que a educação ambiental se tornaria mais efetiva, quando utilizamos dos vários artefatos disponíveis. Os autores ainda levantaram a ideia de haver “feridas abertas” na educação ambiental, como a questão de não mais se perguntarem o que queriam com as fotos da revista analisada, mas sim o que seria possível com essas imagens-natureza. Um ponto a ser levantado na educação ambiental no momento da escolha de um material, não é apenas perguntarmos o que buscamos com aquele artefato, mas o que se pode fazer, o que eles ensinam. As feridas citadas pelos autores parecem, se perpetuarem por um bom tempo ainda na educação ambiental.

Santos & Santos (2012) analisaram as histórias em quadrinhos de Chico Bento, e mostram que as mesmas possuem sua importância na educação ambiental devido ao fato de alcançarem uma grande parcela do público, atingindo indivíduos na educação formal, informal e não-formal, pois as histórias de Chico Bento, levam o leitor a refletir sobre a poluição do meio ambiente, a conservação, a importância das nascentes entre outros elementos apontados pelas autoras.

Almeida, Costa-Santana & Tonso (2010), realizaram um estudo que tinha por objetivo utilizar a literatura infantil como um instrumento de reflexão na tentativa de sanar alguns problemas ambientais. As autoras demonstram que o contato com a arte, por meio da literatura pode desenvolver o interesse pelas questões ambientais. Nas palavras das autoras,

Conclui-se que o uso da arte através da literatura infantil foi efetivo no que diz respeito à reflexão e à busca de soluções para as questões ambientais, valorizando, como ponto de partida, a percepção própria e coletiva das questões que foram levantadas pelos livros e pelas ações teatrais construídas (ALMEIDA, COSTA-SANTANA & TONSO, 2010, p. 225).

Silva & Albino (2011), realizaram um estudo com alunos de escola pública, na qual por meio de oficinas trabalharam o teatro do Oprimido, discutindo temas ligados à educação ambiental. Percebe-se que os autores por meio do lúdico, do teatro, buscaram levar concepções de educação ambiental aos alunos. Dessa forma, os alunos aprendem e assimilam conceitos brincando.

Para Correia & Sampaio (2012), as campanhas das ONGs possuem um poder persuasivo, e trabalham temas muitas vezes já consolidados como importantes no contexto da crise ambiental. O texto de Guido e Bruzzo (2011), discute a polêmica acerca do cinema ambiental no Brasil, buscando fazer um breve traçado sobre o tema no país. As autoras apontam que a facilidade em tempos atuais da divulgação de imagens audiovisuais, assim como os meios digitais permitem que diversas formas de audiovisuais sejam elaboradas. O caso do Cineasta Jorge Bodansky, responsável pelo filme “Iracema, uma transa amazônica”, do ano de 1970, é citado no trabalho, pois este permaneceu fora de circulação na época pela ditadura brasileira por fazer menção à exploração criminosa de madeira.

As autoras apontam,

que a realização de obras com a finalidade de persuadir o público para a temática ambiental pode resultar na simplificação de cunho pretensamente didático que impede o debate efetivo sobre o futuro do planeta o legado que será deixado para as gerações futuras (GUIDO & BRUZZO, 2011, p. 67).

Andrade & Speglich (2011), também buscaram tratar de educação ambiental fazendo uso da arte. Ao longo do texto aparecem várias fotos nas quais lixões são utilizados como cenários para fotos de moda, e o mais relevante, a roupa das modelos é confeccionada a partir de material reciclado.

A partir destes trabalhos é possível perceber que também outras artes/artefatos são apontados, mesmo que implicitamente como espaços de aprendizagem sobre as relações entre natureza e sociedade, sobre as questões ambientais. Ao mesmo tempo, nem todas estas pesquisas buscam compreender como as pessoas percebem a natureza, ou o meio-ambiente. Mas há também trabalhos que avaliam isso, como os que abordamos a seguir.

Franco *et. al.*, (2012), realizaram uma pesquisa sobre a percepção ambiental com alunos de uma escola localizada próxima ao parque estadual da Serra do Rola Moça. Como resultados, os pesquisadores perceberam que mesmo os alunos residindo próximo a uma unidade de conservação, não possuem o conhecimento adequado do local e seu contexto. Slonski (2011) trabalhou em sua pesquisa com a percepção ambiental dos professores dos cursos técnicos do IFSC, campus de

Florianópolis. Segundo a autora os professores possuem um predomínio da visão naturalista, na qual o meio ambiente é visto como sinônimo de natureza, evidenciando principalmente os aspectos naturais.

Neto & Amaral (2011), analisaram as concepções e visões de professores de ciências sobre educação ambiental. Eles destacam que mesmo tendo evidenciado que muitos professores tratam e trabalham a questão ambiental, a mesma aparentemente não possui uma relação entre a proposição de tais atividades com um processo de conscientização ambiental.

Silva & Campina (2011) estudaram as concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares, reunindo-as em três categorias: conservadora, pragmática e crítica. De acordo com o exposto pelas autoras, a educação conservadora seria:

um ideário romântico, inspirador do movimento preservacionista do final do século XIX, no qual os vínculos afetivos proporcionados pela experiência de integração da natureza trariam bem-estar e equilíbrio emocional, bem como a valorização e proteção do ambiente natural (SILVA & CAMPINA, 2011, p. 33).

A educação pragmática “*apresenta o foco na ação, na busca de soluções para os problemas ambientais e na proposição de normas a serem seguidas*” (SILVA & CAMPINA, 2011, p. 33). Assim, esta buscaria:

mecanismos que compatibilizem desenvolvimento econômico com manejo sustentável de recursos naturais (desenvolvimento sustentável). A ênfase é na mudança de comportamento individual por meio da quantidade de informações e de normas ditadas por leis e por projetos governamentais, que são apresentados como soluções prontas. (SILVA & CAMPINA, 2011, p. 33).

A educação ambiental crítica, ainda segundo as autoras,

encontra suporte na perspectiva da educação crítica e no ambientalismo ideológico, descrito por Crespo (1998). É apresentada a complexidade da relação ser humano-natureza. Privilegia a dimensão política da questão ambiental e questiona o modelo econômico vigente. Apresenta

a necessidade do fortalecimento da sociedade civil na busca coletiva de transformações sociais (SILVA & CAMPINA, 2011, p. 34).

A educação ambiental crítica tem como base o pensamento de Paulo Freire, entre vários outros autores, que buscam a constituição de uma educação orientada para a transformação econômica, política e social vigente. Assim como Reigota (1995, apud Silva & Campina, 2011), salienta que a educação ambiental não visa somente o uso racional dos recursos naturais, mas a participação dos cidadãos e decisões sobre a educação ambiental. Desta forma a preocupação ética e política é essencial na educação ambiental crítica.

Nossa revisão demonstra que há tantos trabalhos preocupados com as percepções das relações entre sociedade e natureza, como com os espaços por onde estas representações e práticas circulam. Ainda assim, os espaços audiovisuais tem pouca inserção nas revistas relacionadas à Educação Ambiental. A seguir, discorreremos sobre a importância destes espaços para pensarmos o meio ambiente e práticas educativas.

2.1 O audiovisual como pedagógico: como o artefato nos ensina sobre as coisas do mundo, nos ensina conceitos, modos de ser e representar.

Já em 1995, Morán aponta diversas formas de trabalho do vídeo em sala de aula. Dentre muitas características positivas, o autor especifica que

A televisão, o cinema e o vídeo – os meios de comunicação áudio visuais – desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagem coloquial e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros (MORÁN, 1995, s.p.)

Em geral, quando pensamos em educação formal, os vídeos são utilizados como complementos nos processos de ensino. Porém, neste trabalho, acreditamos que o vídeo não serve somente como complemento pedagógico, mas que ele ensina. Os vídeos fazem parte do cotidiano das pessoas, logo, o contato com ele é rotineiro e, com isso, estamos o tempo todo aprendendo as ideias nele veiculadas, suas linguagens, suas representações de mundo.

Nos tempos atuais a presença do vídeo em sala de aula se intensifica, seja através de propostas curriculares, ou pela entrada não intencional do universo dos próprios estudantes. Estes, empolgados por suas leituras audiovisuais, adentram a escola perguntando aos professores se “viram ontem a reportagem do fantástico sobre como poupar mais energia”, ou, a “última viagem pelo corpo humano”. Perguntam também se seria possível, realizar experiências científicas, tais como a criação de “mutantes” ou se projetarem num “avatar”, mostrados respectivamente nos filmes “X-Men” e “Avatar”. Para explicar todo esse processo de identificação do sujeito com o audiovisual, Morán aponta que a televisão e o vídeo:

Combinam a comunicação sensorial com o audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. A integração começa pelo sensorial, o emocional e o intuitivo, para atingir posteriormente o racional (MORÁN, 1995, p. 28 - 29)

O sujeito, ao se deparar com a TV ou o cinema, pode ser visto como seduzido pelas estratégias de construção e endereçamento destes artefatos. Tal como o exemplo fornecido por Fischer:

Inúmeras “chamadas” (apresentação das principais notícias ou manchetes do jornal) são feitas antes da exibição do programa; na abertura, mais uma vez as manchetes; no início de cada bloco, a repetição das mesmas frases e imagens, agora conduzindo finalmente o espectador ao que foi anunciado (FISCHER, 2003, p. 62)

Este é apenas um exemplo, no qual a TV faz o uso repetitivo do que a mesma passará a exibir, criando uma expectativa que nem sempre será atendida. Mas isso não acaba sendo empecilho para que o espectador deixe de ver TV ou ir ao cinema. As pessoas estão acostumadas a serem “chamadas” pela TV e o Cinema.

Outro exemplo são os filmes de Hollywood. Nos últimos tempos os filmes estão sendo um sucesso de bilheteria em todo o mundo, mas o investimento está cada vez mais alto em termos de tecnologia, figurino, em tudo o que é possível para “fisgar” o espectador. A tecnologia de filmes em 3D por exemplo, no qual por detrás dos óculos que colocamos

para ver as imagens em dimensões, o espectador acabar no decorrer do filme esquecendo-se de onde realmente esta, na sala de cinema em questão, e começa a se sentir fazendo parte daquele enredo de imagens que vão se construindo em frente aos seus olhos. E quando for ao cinema 6D? Que permite ao espectador além de ver as imagens em várias dimensões, sentir frio, calor, sentindo na pele todas as sensações dos atores. Quem não irá se transportar a outra realidade?

Os exemplos acima citados servem apenas para demonstrar que o cinema e a TV se utilizam de estratégias para “fisgar” o público. Mas estes são exemplos de estratégias visíveis. Existem ainda as estratégias que se encontram no Cinema ou na TV, mas de forma invisível, tais como o suspense, o adiamento do fechamento de uma trama, entre outros. Um exemplo para isso são algumas séries de TV, mas o exemplo mais clássico e que todos já devem ter presenciado, são os exemplos das telenovelas. Pois sempre um capítulo da novela termina em um suspense, em algo que não acabou, deixando o espectador curioso para que dê continuidade e assista no outro dia novamente. Dessa forma, a TV consegue que nós, espectadores acompanhemos a trama até o seu fim, pois somos atiçados pela curiosidade e o desejo de “desvendar” os fatos.

Fabris salienta que:

No Brasil, educação e cinema têm uma aproximação recente. Pesquisas em educação envolvendo o cinema constituem uma relação ainda mais incipiente. Além disso, o cinema é formado por um complexo sistema de linguagens que nos desafia permanentemente no processo de compreendê-lo (FABRIS, 2008, p. 121).

É esse processo complexo de linguagem que a autora cita, que é um desafio para o pesquisador, mas ao mesmo tempo, esse complexo de linguagem do cinema traz para si o público. Pois se é complexo para o pesquisador conseguir estudar e entender de forma detalhada como o programa ou o filme tentam construir uma ideia, imagine uma pessoa que nunca entrou no campo de teorização sobre o assunto, ou nos estudos sobre as linguagens audiovisuais: provavelmente, teriam mais dificuldade em identificar determinadas estratégias.

Como os filmes e a TV estão presentes de forma constante em nossos dia-a-dia, nos ofertando modos de ver e significar as coisas, eles podem ser pensados um espaço de ensino. Aqui não definimos espaço

de ensino como formal, não formal e informal, pois acreditamos que para elaborar esse definição estaremos limitando o conceito de formal à escola, o não formal aos espaços que tem como objetivo explícito o ensino, mas não são espaços escolares (como os museus, parques, etc.) e os informais a todos os demais espaços de ensino. O que buscamos é reforçar a ideia de filmes e TV serem um espaço de ensino, mesmo que ultrapassem os muros escolares, ou que estejam dentro dos mesmos. O que tem relevância para nós é a questão de ser considerado um espaço através do qual podemos aprender coisas.

Usualmente, nos espaços de ensino formal, podem ser identificados dois tipos de programas e filmes: aqueles que possuem o compromisso com a “verdade” (documentários, videoaulas, etc.) e aqueles que tem a função de entretenimento (ficção, romance, etc.). Como definir um ou outro? Para nós, pouco importa se o filme é elaborado para ser um filme educativo ou não. Pois quem disse que não é possível aprender com o filme *Alice no País das Maravilhas*? O *Incrível Hulk*? A pequena *Sereia*? Ou os vários filmes da *Barbie*? Todos esses filmes listados, assim como os demais, apesar de não possuírem um compromisso direto com a educação, ensinam algo. Nem que em suas entrelinhas estes ensinem aquilo que não deve ser feito, mas ensinam. Por isso consideramos o audiovisual como algo que ensina, mesmo não estando ligado à escola, ou tendo como objetivo primordial o ensino de alguma coisa.

Sempre se viu, ou se deparou com pesquisas voltadas à educação com o intuito de criar estratégias que pudessem desenvolver o hábito ou interesse pela leitura na escola. Segundo a obra de Duarte (2006), o cinema fala da escola desde o fim da Segunda Guerra Mundial, porém, só recentemente que se começou a estudar, ou melhor, realizar pesquisas envolvendo educação e cinema. Segundo Felipe & Teruyia (2009) também é necessário desenvolver estratégias para estimular o gosto pelo cinema “*gostar significa aprender a apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos*” (FELIPE & TERUYIA, 2009, p. 12). Sendo assim, é necessário que se tenha condições de analisar, e desenvolver instrumentos para “*aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a própria vida e a sociedade em que se vive*” (Idem, p. 12).

A própria autora salienta que muito do que ela aprendeu durante a sua vida de estudante, aprendeu com o cinema (Duarte, 2006). Assim, interpreto que o cinema tem a possibilidade de ensinar. E se torna a cada dia um recurso ainda mais rico no processo de construção de significados para quem o assiste.

Mas há um problema relacionado a esta compreensão que reside na questão da “*dualidade entre o conhecimento científico e o conhecimento tido como “menor”, ou seja, não científico*” (GUIMARÃES & SILVA, 2009, p. 34). A escola é tida como um espaço formal de ensino, ou melhor, espaço autorizado a reconstruir as ciências dos laboratórios para serem ensinadas. Já o cinema, a TV, não. Para os autores,

Se as escolas são tidas como instituições que “fazem” ciência, que produzem elas mesmas, conhecimentos biológicos (entre outros), o que dizer, então, de um programa como “O Globo Repórter” ou o “Fantástico” ou, ainda, de filmes como “A Ilha” (sobre clonagem humana) ou, então, de revistas como “Isto É” ou de jornais como a “Folha de São Paulo” ou o “Diário Catarinense”? Sem dúvida todos estes lugares que falam, entre inúmeras outras questões, também sobre biologia, são tidas como menores em termos de “cientificidade”. E mais, são vistas comumente (alguns mais, outros menos), como veículos que distorcem a biologia que se faz nos laboratórios de pesquisa ou que se veícula nas revistas científicas. (GUIMARÃES & SILVA, 2009, p. 34 - 35).

Os autores aqui retratam uma questão que se mostra fortemente arraigada no dia-a-dia dos educadores, a falta de credibilidade relacionada a um filme de *Hollywood*, que talvez atrapalhe sua possibilidade de entrada nas escolas. Isso tem relevância devido a questões de formação do sujeito, pois acabamos construindo um estudante que, apesar de aprender inúmeras coisas pelos discursos audiovisuais, vê estas coisas sendo desacreditadas pelos professores, quando nas aulas na escola.

Ao mesmo tempo essa falta de credibilidade exclui certos tipos de vídeos. Em muitos casos, os filmes de animação, por exemplo, são tidos como entretenimento e não como espaço de ensino. Logo, teriam pouca entrada nas escolas. Revistas que não sejam de cunho científico, não são tidas como matérias “seguras”. Logo ciência, precisaria ser “produzida” em laboratório, dentro de academias, ou nas escolas e universidades. Todo o resto de veículos de comunicação, mesmo divulgando informações referentes à ciência, e que poderiam ser discutidas, acabam por não serem consideradas de caráter científico.

O que muitas pessoas ainda não se deram conta, é de que, com o cinema é possível viajar sem sair do conforto de nossa casa, ou da nossa escola. Podemos conhecer a realidade educacional dos demais estados do nosso país, assim como a forma de ensino nos mais diversos lugares do mundo. Com isso, poderíamos criar de forma conjunta (professores e estudantes) leituras destes artefatos. Podemos conhecer novas culturas, crenças, valores, visões de mundo e com isso analisar, enriquecer, debater, refletir e entender um pouco mais do espaço que nos cerca, de com quem convivemos, enfim, enriquecer nossas possibilidades de relações com o meio-ambiente.

O problema que vejo em muitos casos, é a falta de preparo e interesse de alguns educadores em utilizar filmes como estratégia de ensino. A própria Duarte ressalta que “*seria bom que os professores tivessem noções básicas de cinema e audiovisual em sua formação*” (DUARTE, 2008; p. 95-96). Durante o próprio curso de Licenciatura, os professores estão mais preocupados em passar o conteúdo específico da disciplina, que se diga por sinal é tão extenso que nem sempre é possível passar por completo. Imagine a disponibilidade dos professores em ensinar a seus alunos um pouco mais sobre cinema e audiovisual. Ou quando têm tempo, não sabem como fazer, pois em sua formação, também não tiveram esse ensinamento.

Não é apenas uma “falha” na formação atual dos professores, é algo que se perpetua ao longo da história. Eu mesmo, passei a ter contato com cinema, audiovisual, e estratégias de trabalho deste no ensino de ciência e/ou biologia apenas por realizar este TCC. Estou tendo este contato por opção - caso tivesse feito um TCC em outra área, teria tido o mínimo de contato possível com o tema.

Outro problema ainda que aponto, é por parte dos alunos que veem o filme em sala de aula como uma forma de “não ter conteúdo”, pois eles mesmos não reconhecem estes espaços como espaços de ensino. Mas os filmes podem ser utilizados e trabalhados em sala de aula, como o filme Madagascar, que é objeto de análise do presente trabalho. Apesar de ser um filme mais direcionado ao público infantil pelo fato de ser um filme de animação, pode ser analisado em relação a algumas questões de interesse para a educação ambiental, tais como: o meio ambiente, natureza, a “humanização” dos animais, entre outras.

Os filmes de ficção científica, segundo Duarte, “*oferecem um material muito rico para discussão de conceitos científicos e de história da ciência*” (2008, p. 91). Alguns filmes recentes, tais como Avatar, se tornou um fenômeno por vários motivos, mas, principalmente, pela questão ambiental muito forte e presente nele. Mas ele também pode ser

tratado outras formas, tais como a genética, a forma dos “humanos” se conectarem com seu avatar. Isso seria possível? Anaconda, um filme muito famoso no cinema, dá margem a muitas questões, como: seria realmente possível criar uma cobra como aquela? Esses são apenas dois exemplos de filmes que poderiam ser trabalhados nas disciplinas de ciência e/ou biologia. Com conteúdos voltados ao conteúdo que está se ministrando em sala de aula. Não ficando preso unicamente ao livro didático sem utilizar-se de outras estratégias de ensino, a fim de deixar a aula mais rica.

Nos últimos 50 anos é que se tem dado uma atenção maior a essa área, onde se busca realizar estudos entre filmes e espectador mas, a junção do cinema com a educação não é uma relação antiga, não ao menos no que tange a educação aqui no Brasil. Alguns fatores foram adiando estes estudos, tais como a falta de investimento nesta área, falta de interesse por parte dos pesquisadores e o não reconhecimento que os pesquisadores tinham até um certo tempo. Atualmente há um aumento do interesse destes pesquisadores, tanto que vem crescendo o número de publicações referentes a cinema e educação.

O reconhecimento da importância social do cinema ainda não se refletiu, de forma significativa, nas pesquisas que desenvolvemos na área da educação. A discreta publicação sobre artigos e temas em nossos periódicos, sugere que os pesquisadores dessa área ainda dão pouca atenção aos filmes como objeto de estudo. Mas a riqueza e polissemia da linguagem cinematográfica conquista cada vez mais pesquisadores que, reconhecendo os filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, passaram a considerar o cinema como campo de estudo (DUARTE, 2002, p. 97, *apud* FABRIS, 2008, p. 122)

Duarte salienta exatamente um fator muito importante para instigar novos pesquisadores, ou melhor, sujeitos a se dedicarem a pesquisas envolvendo cinema e educação: *“o fato de alguns dos mais respeitados teóricos da cultura preocuparem-se com o papel desempenhado pelo cinema nas sociedades é mais um indicativo de que sua influência não se limita ao espetáculo de diversão”* (2006, p. 97). Nos dias atuais, com uma maior abertura de campo, percebe-se o

número crescente de profissionais que se dedicam a este tipo de pesquisa.

2.2 Relações entre Sociedade e Natureza/Meio Ambiente

Não poderia deixar de abrir o capítulo com uma frase de Guimarães que me chamou muito atenção: “*os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos*” (2008, p. 87). Essa frase retrata bem o porquê da existência de tanta formas de ler/interpretar a natureza ao longo dos tempos. Afinal de contas, vivemos em um mundo em constante transformação. Os pensamentos, e forma de interpretação de dois anos atrás possivelmente não serão as mesmas formas de leitura e compreensão de hoje, ou de épocas futuras. Os séculos passados constituíram historicamente concepções diferentes de meio ambiente e natureza que, ainda podem exercer influências na atualidade. Afinal, ainda existem hoje várias concepções de meio ambiente e natureza que foram sendo traçadas ao longo da história.

Apesar de existir uma pluralidade de posições acerca das relações entre homem e natureza, segundo Almeida (2008), três podem ser destacadas: a antropocêntrica, a ecocêntrica e a biocêntrica. Para ele, a visão antropocêntrica:

“Defende a centralidade indiscutível do ser humano e valoriza a natureza de um ponto de vista instrumental. Pode assumir duas tendências principais, nem sempre conciliáveis. A primeira vê a natureza fundamentalmente como um recurso econômico; a segunda destaca a sua importância na satisfação de uma multiplicidade de interesses que dão significado à vida humana, revelando o seu contributo para o desenvolvimento integral do ser humano em termos psicossomáticos. (ALMEIDA, 2008, p. 329).

Talvez o entendimento da visão antropocêntrica se torne mais claro, ao buscarmos respaldo em Fernandes et. al (2003, apud Silva 2009, p. 7), que nos diz que “*a visão antropocêntrica considera o meio ambiente como algo externo ao indivíduo, o homem considera-se o centro da natureza, sendo ela somente um recurso utilizado por ele*”. Mas a visão antropocêntrica pode ser problematizada a partir de outra forma de relação entre natureza e sociedade, a visão ecocêntrica,

Defende o valor não instrumental dos ecossistemas e da própria ecosfera, cujo equilíbrio pode obrigar a limitar determinadas actividades humanas. É perante a condição ecológica e biológica da espécie humana, considera-se parte integrante da natureza, ao contrário da afirmação dual típica do antropocentrismo. (ALMEIDA, 2008, p. 329).

A visão ecocêntrica (diferentemente da antropocêntrica na qual se acredita que a natureza serve para “trabalhar” e fornecer aquilo que é necessário para os seres humanos se desenvolverem). Nela há a construção de novos valores éticos que envolvem a relação natureza e homem. Assim percebe-se, que a natureza não nasceu para satisfazer somente o ser humano, mas admite que o homem faz parte do contexto de meio ambiente.

Ainda, segundo Almeida, pode-se identificar uma relação biocêntrica, que “*defende o valor intrínseco das outras formas de vida, independente do seu interesse para a espécie humana*” (ALMEIDA, 2008, p. 329). A visão biocêntrica representa a fragilidade do ser humano, pois este faz parte de todo um sistema. Na perspectiva biocêntrica, para Gonzalez, “*todos os seres vivos e recursos naturais fazem parte de um delicado equilíbrio deste organismo vivo chamado Terra (...) nesta perspectiva, cuidar da natureza, respeitar o planeta é cuidar e respeitar a si mesmo*” (2010, p. 2). Desta forma entende-se que não existe uma separação entre ser humano e natureza, mas sim que estes dois compõem um mesmo sistema.

Neves (2003, p. 5, apud Silva, 2009, p.7), destaca ainda mais duas concepções sobre natureza, a visão naturalista e a sistêmica. Sendo que para a autora supra citada, naturalista seria “*o meio ambiente somente como natureza ou enfatiza a defesa e a proteção do meio ambiente e descreve o homem como espoliador da natureza*”. Enquanto que, na visão sistêmica, “*a dimensão socio-cultural no seu conceito de meio ambiente ou considera vários setores para a resolução de questões ambientais ou propõem práticas intradisciplinares*”.

Desta forma definir meio ambiente e/ou natureza não é tarefa fácil. Aliás acredito que essa tarefa seja um tanto quanto complexa na área da educação. Uma vez que existe uma variedade de formas de ver, analisar e compreender o que é meio ambiente. Aliás, para nós biólogos, talvez seja fácil definir meio ambiente. Seria tão fácil mesmo, como à

primeira vista pode parecer? Onde está o meio ambiente? O que pode ser considerado meio ambiente? Qual a concepção certa? Qual a concepção errônea sobre o assunto? Será que existe um certo ou errado sobre isso?

Quando se pensa no dia-a-dia o significado ou conceito de meio ambiente, procura-se fazer uma análise com aquilo que é natural, tais como fauna e flora. Ou seja, uma visão romântica de meio ambiente. Mas sua definição se mostra complexa, de forma isolada. Pois ao se questionar o que seria meio ambiente a um bacharel em direito, este pensará em natureza jurídica, a um filósofo, este pensará na natureza dos fatos.

Para o jurista Fiorillo (2009), o meio ambiente é subdividido de várias formas, tais como: o meio ambiente cultural, meio ambiente de trabalho, meio ambiente artificial, meio ambiente natural. Mas todas essas visões de meio ambiente poderiam constituir algo unificado? Ou seriam várias coisas diferentes? As visões sobre meio ambiente, natureza, também variam de área para área. O direito visualiza essa questão de uma forma, a biologia de outra, a educação de outras formas ainda.

Sampaio e Wortmann (2007) ainda nos lembram que existe uma divisão entre o que seria natural e o que não, chamado de artificial. Nas palavras das autoras:

Argumentamos que o que se entende por “natural” não possui um significado intrínseco, mas é construído na cultura, atuando nessa construção as próprias representações veiculadas no curso e nas muitas outras instâncias ocupadas com a educação ambiental. Ainda assim, queremos registrar que essas construções definidoras do que *é* e do que *não é* “natural” possuem efeitos constitutivos, políticos, pedagógicos, que atuam fortemente sobre a vida das pessoas.

Assim como é difícil definir meio ambiente, definir natureza é tão complicado quanto. Afinal, natureza é sempre lembrado como algo natural. Mas seria o meio ambiente apenas o que se pode ter como natural?

Um fato que merece discussão aqui é que as ações humanas muitas vezes não são consideradas como parte meio ambiente. Ou melhor falando, os prédios, as casas, tudo aquilo que o homem construiu com as suas mãos não é considerado por muitos como parte do meio

ambiente. Porém, na floresta, ou na mata, a “casa” de um castor é considerado como sendo parte do meio ambiente. Neste sentido, a casa construída pelo homem também não deveria ser considerada como meio ambiente, como natureza? O que diferenciaria uma espécie da outra?

Para a grande maioria da população, essa visão continua a não ser aceita, pois, ainda não se aceita que um centro urbano possa ser considerado como um meio ambiente. Para estes, ainda persiste uma visão romântica de natureza, na qual se associa meio ambiente ao verde, a árvores e outros animais. Logo, prédios, casas, ou centros urbanos não possuem verde, com exceções de pequenas manchas, que estão dividindo o espaço com o concreto, o que viria a desconfigurar o “meio ambiente” deste local.

Algumas pessoas destacam os centros urbanos como sendo a “selva de pedras”, ou ainda “selva de concreto”. Expressões que demonstram a divisão de meio ambiente que ainda se perpetua em nossa sociedade atual. A mesma visão de séculos passados, nos tempos contemporâneos.

A forma de ler, interpretar a natureza, depende do momento histórico no qual estamos inserido, mas Guimarães (2008) lembra, que em um mesmo momento histórico existirá/haverá diferentes forma de ler/interpretar a natureza. Duas pessoas, estudantes de um mesmo curso de graduação podem ter concepções de natureza divergentes. Afinal, o meio social em que cada um deles estava/está inserido irá influenciar diretamente em sua leitura de natureza. Nas palavras do autor:

Sabemos que há uma multiplicidade de formas de ver, ler, narrar, e se relacionar com a natureza. Essas diferenças são construídas histórica e culturalmente. E, mais, não uma única forma, também, quando focamos um mesmo período ou uma aparente mesma conformação cultural. (GUIMARÃES, 2008. p. 88).

Nosso objeto de estudo, a animação Madagascar, também propõe/constitui algumas leituras sobre Natureza, Meio-Ambiente e suas relações com a sociedade. Sendo um artefato de nosso tempo, em sua narrativa ficaram marcadas estas leituras que poderão compor as ideias de uma multiplicidade de telespectadores. Pelo caráter de animação, muitos destes poderão ser crianças, estudantes, formando seus repertórios sobre os temas.

Existem trabalhos nos quais o foco de análise são os filmes ou programas de animação, alguns dos quais relacionados a ciências. Segundo Mesquita e Soares (2008), os desenhos animados podem ser classificados em dois grandes grupos: os desenhos que possuem compromisso com a educação, ou seja, os desenhos de cunho educativo; ou ainda, os desenhos que não possuem compromisso com a educação.

Ilustra-se o segundo grupo com os desenhos O Laboratório de Dexter e Jimmy Nêutron, o menino gênio. São desenhos que trazem, como personagens principais, meninos cientistas que, muito inteligentes, usam suas invenções e criatividade para resolver situações que vão desde encenacas na escola até salvar o mundo de uma invasão alienígena. Nestes desenhos são utilizadas muitas palavras e situações relacionadas à ciência, desde laboratório, experiência, até o Princípio da Incerteza de Heisenbeg. Não são desenhos educativos, pois, na maioria das vezes, não detalham ou discutem os conceitos, mas apenas os utilizam com a intenção de divertir (MESQUITA & SOARES; 2008, p. 420)

Colla (2011), ao estudar o cinema como formação, analisou o filme Avatar e, ressalta que “*o contexto que vivemos é de incerteza em relação ao futuro*”, quando o autor fala o porque da escolha em trabalhar o filme. Ao longo do texto o autor aponta que o povo de Pandora adorava a natureza, lutava pela sua preservação, enquanto que os guerreiros queriam unicamente as riquezas, independente se precisassem ou não destruir a natureza para atingir seus objetivos. Mas assim como Jake que no início do filme não via a natureza da mesma forma que os humanoides, (povo de Pandora), após começar a conviver com o povo este (Jake) modificou a sua concepção de natureza. O que mostra que as pessoas após algumas experiências ou dependendo do contexto em que se encontram podem modificar as suas concepções de natureza ao longo do tempo.

O cinema, por fazer uso de vários artifícios, tais como efeitos especiais, imagens em movimento entre outras, fisga o espectador, o “transporta” a uma outra dimensão, na qual este sai da sua “realidade” e, passa a vivenciar a realidade do filme em questão. A grande maioria das pessoas “se perde” entre as imagens em movimento do cinema.

Michelotti *et. al.* (2010) realizaram outro estudo sobre o filme Avatar, analisando as mensagens ecológicas do filme: após exibirem o filme lançaram algumas questões elaboradas para que os alunos discutissem em uma mesa redonda, tais como: “como vivem os Navis”, “ qual a principal lição que o filme traz?”, entre outras. Após a discussão, os alunos foram incumbidos de elaborarem um texto no qual deveriam expressar as suas opiniões sobre as questões propostas e apresentarem a sua opinião sobre o filme. Com base nesses textos, os autores efetuaram o tratamento dos resultados obtidos. Algumas colocações dos autores se desencontram das nossas ideias, pois eles trabalharam a questão da visão de meio ambiente de uma forma unilateral. Pela transcrição das falas dos alunos, percebemos como se reflete essa questão: “*Os homens prejudicam o ambiente, mas tem chance de mudar com a dificuldade*”, “*A salvação do mundo vai ser a conscientização dos jovens, para a diminuição da poluição e do desmatamento.*” (MICHELOTTI et al, 2010, p. 8). Essas são apenas duas colocações que retratam que mediante o filme Avatar, os alunos acreditam que o responsável pelo “caos” do meio ambiente seria apenas o ser humano. Podemos interpretar estas ideias como uma visão simplista, que desconsidera outras leituras possíveis sobre as relações entre Meio-Ambiente e Sociedade. Assim, podemos observar, que mesmo a partir de dois trabalhos acerca de um mesmo tema, as leituras destas relações podem ser divergentes: no primeiro trabalho, o autor não tenta se posicionar buscando reforço na opinião dos alunos da responsabilidade do homem pelo caos do meio ambiente, mas, no segundo, esse discurso prevalece.

Trabalhos de análise do filme Madagascar não são inéditos. Guimarães e Silva (2009), já realizaram um estudo sobre esta animação. Neste trabalho realizado pelos autores, eles estudaram as possibilidades de aplicação do filme em aulas de ensino de ciência e/ou biologia, trazendo diferentes visões de natureza inseridas no filme. Ao mesmo tempo, acreditamos que, assim como há diversas leituras sobre natureza e sociedade, haverá também, diferentes leituras deste artefato, que, talvez, se complementem e auxiliem a pensar a educação ambiental a partir do mesmo. Neste sentido, no próximo capítulo contamos nossos procedimentos metodológicos para a composição de nossas análises.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: como traçamos nossos caminhos de análise

O estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão envolvidos diferentes fatores.

Este trabalho é considerado um estudo de caso como problematizado por André (1984), pois segundo a autora este é caracterizado por uma forma de estudo sistemática de uma instância específica. Como exemplo, ela cita um grupo, uma escola, uma instituição, um programa. No presente caso, estaremos voltados para um filme de animação.

Ela cita algumas características que são fundamentais em estudos de caso, as quais se aplicam ao nosso. Tais como, “*os estudos de caso buscam a descoberta*” (ANDRÉ, 1984; p. 52), pois o pesquisador parte para fazer o estudo de caso baseado em pressupostos que servirão de norte para a sua pesquisa. Mas, mesmo ele tendo esses pressupostos, sempre existirão situações inesperadas que serão descritas por meio das análises.

Outra característica seria que “*os estudos de caso enfatizam a interpretação do contexto*” e “*uma variedade de fontes de informação*” (Op. Cit., p. 52), para que o objeto de estudo seja compreendido de forma mais completa. Neste trabalho, buscamos compreender como outros espaços midiáticos representam as ideias de meio ambiente, natureza e sociedade, bem como essas ideias são percebidas em trabalhos de cunho acadêmico (capítulos 1 e 2), contribuindo para formarmos, mesmo que parcialmente, um contexto de interpretação do filme em questão.

Os estudos de caso buscam também explicitar diferentes pontos de vista presentes numa situação social, mesmo que sejam conflitantes. Podemos citar como exemplo, a representação do zoológico do filme, que pode ser interpretada sobre dois vieses contraditórios: num deles, o zoológico é tido como um lugar idealizado de bem estar; em outro, a natureza selvagem também são apresentados como idealizados, representando um conflito entre estar livre e estar solto.

Os estudos de caso visam à descrição do que é idiossincrático e particular. Mas ao mesmo tempo “*pretende revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa dada situação, focalizando-a como um todo, mas sem deixar de enfatizar os detalhes, as circunstâncias específicas*

que favorecem uma maior apreensão deste todo” (ANDRÉ, 1984, p. 52). Com o intuito de buscar as especificidades da materialidade discursiva com a qual trabalhamos (o filme Madagascar) recorreremos a autores que já se debruçam sobre estudos e análise de audiovisuais: Rosa Maria Bueno Fischer, Rosália Duarte e Wenceslau de Oliveira Jr., que podem ser considerados como o norte da análise do vídeo em questão.

É importante ressaltar que as pesquisas qualitativas podem gerar uma grande quantidade de volume de dados que necessitam ser organizados e compreendidos.

De acordo com Alves (1991), este é um processo complexo, não-linear, que implica um trabalho de redução, organização e interpretação de dados, e que se inicia já na fase exploratória, acompanhando toda a investigação em uma relação interativa com os dados empíricos: à medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai tentando identificar temas e relações, construindo interpretações e gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações, num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final.

Para a análise do filme foram a princípio eleitas algumas categorias de observação, tais como: concepções de natureza, relação entre sociedade e natureza, representações dos animais. No decorrer das primeiras análises foram também identificadas outras categorias que ajudavam a compreender as anteriores, tais como: as concepções de zoológico, as concepções de selvagem, os perfis das principais personagens, entre outras, que serão abordadas no capítulo seguinte.

As categorias acima citadas, foram organizadas desta forma afim de facilitar a compreensão e leitura do filme Madagascar.

3.1 Apresentando o Objeto de Estudo: o filme Madagascar

O filme Madagascar é uma animação gráfica norte-americana lançada em 2005, pela *DreamWorks*. Trata-se de um filme de animação, tido para muitos como sendo apenas entretenimento, mas não como algo que ensina, ou seja, um artefato cultural pedagógico.

O filme retrata uma parte da vida de Marty (uma zebra), Alex (um leão), Glória (uma hipopótama) e o filme reforça a ideia de que

homem e natureza não conseguem coexistir Melman (uma girafa), entre outros animais-personagens que fazem parte desta história. O filme se inicia em um zoológico, lar dos protagonistas citados acima e termina na “natureza selvagem”, na selva. Neste trajeto muita coisa vai ocorrendo, desde os conflitos entre os instintos naturais que Alex passa a ter na natureza, quando começa a ver os seres que os rodeiam, inclusive seus amigos, como “bifes com pernas”, até críticas a personalidade humana e às condições de vida básicas, tais como o caso em que Melman não quer mudar de zoológico, pois tem medo de não ter um plano particular de saúde.

A história que começa em um zoológico se torna uma aventura quando Alex, Melman e Glória decidem ir atrás de Marty, que decidiu partir para a selva. Na estação central de trem da cidade, são considerados animais perigosos, e edados para serem capturados. O objetivo era enviar os animais para uma reserva no Quênia. Porém, devido ao “plano de fuga” dos pinguins, na busca de mudar o percurso do navio para a Antártica (seu “lar”), a manobra acaba por “jogar” os quatro amigos ao mar, próximo à Ilha de Madagascar. Um por vez, os personagens vão chegando à ilha onde a história começa a tomar forma e alguns conceitos de natureza começam a “tomar corpo”.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados das análises estão organizados da seguinte forma: primeiramente uma breve apresentação das principais personagens do filme Madagascar, compondo um perfil inicial para subsidiar as análises posteriores. Em seguida, abordamos as formas humanas, ou as representações humanas, desempenhadas pelos animais-personagens; no item subsequente, analisamos a questão dos zoológicos serem representados como um espaço de educação ambiental: quais ou qual a forma que o filme tenta mostrar essa questão?; após estas reflexões buscamos compreender como o meio ambiente é representado no filme, as concepções de natureza que se “desenvolvem” e como é representada a relação sociedade e natureza. Existe relação entre elas? Podem conviver no mesmo lugar, segundo o filme? Essas são algumas questões que vão sendo respondidas no decorrer das análises que seguem.

4.1. Tecendo um breve perfil dos personagens do filme Madagascar.

Alex: o leão “estrela”

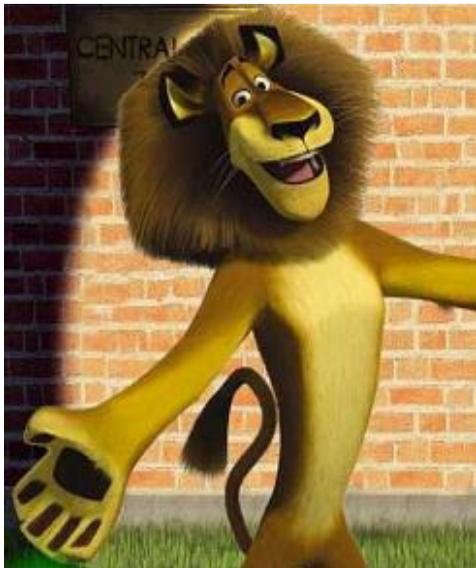


FIGURA 8: Alex, o leão da série Madagascar.¹¹

Alex é um dos personagens que mais encantam o público, é o brincalhão, divertido, do filme. Aquele que se sente a estrela do filme, o qual todos vão ao zoológico para ver. Tem vários “brinquedos” produzidos com a sua imagem, tanto que ela dá de presente à Marty um que é inédito, passando a impressão de que ela adora. Ele parece se sentir em um *reality show*, possui inclusive câmeras 24 horas disponíveis em seu local. Diferente das representações mais tradicionais de outros leões do cinema, ele é dócil, gentil, e quer ser a estrela do zoológico. Fica feliz com a visita das pessoas.

Marty: a zebra sonhadora

¹¹ Fonte: Alex (leão) do filme Madagascar. Acessado em 07 de Abril de 2013, disponível em: <http://pedrolaginhaclub.blogspot.com.br/2007/08/pedro-laginha-e-madagascartero-algo-em.html>.



FIGURA 9: Marty, a zebra da série Madagascar.¹²

Marty pode ser considerado o “sonhador”, aquele que está inconformado por passar uma década de sua vida no zoológico. Fica sonhando como seria a sua vida na natureza, que no filme, percebemos que fazem menção ao selvagem.

Ele quer sair do zoológico e ir para “o selvagem”, afinal, ele nem sabe se é branco com listras pretas, ou preto com listras brancas. Quer ir e conhecer a vida lá fora, tanto que pergunta várias vezes a Alex se ele não imagina como seria a vida fora do zoológico. Conhecer a natureza selvagem é o sonho de Marty, o qual é notável desde o início do filme.

Marty faz uma crítica interessante, quando em uma das visitas, ele, joga água nos visitantes, e faz ruídos com o sovaco, no qual, segundo ele mesmo “esta pegando leve”. Ele mesmo fala aos visitantes, “isso vocês não vão ver no Animal Planet”, um canal da televisão paga, que mostra os animais mais em suas formas “naturais”, mais em um “ambiente selvagem”. E não tão domesticados, ou melhor, humanizados como esses que são retratados no filme.

¹² Fonte: Marty a Zebra da série de Filmes Madagascar. Acessado em 07 de Abril de 2013. Disponível em: <http://www.pdvativo.info/2008/10/maior-ao-de-pdv-da-histria-da-kraft.html>.

Glória: o hipopótamo “mãe”.



FIGURA 10: Glória a hipopótoma do filme da Série Madagascar. ¹³

Glória no filme passa a imagem de mãe, talvez seja pelo fato de ser uma das poucas personagens femininas representadas no filme. É aquela que tenta ser meiga e graciosa, o que fica notável no início do filme quando ela dança de forma graciosa balé na água, sendo que o seu peso não atrapalha. Afinal, bailarinas sempre são magras, mas Glória apesar do seu peso consegue dançar com leveza e graça.

É a responsável por tentar resolver todos os conflitos e amenizar a situação de caos que pode se criar entre o grupo. Tenta proteger a todos e ajudar a todos da forma melhor que puder, é a típica figura da mãe.

Não percebi porém menção ou tratamento de forma a igualar a personagem de Glória aos demais companheiros. Ela era mostrada como a personagem frágil, dócil, e não como uma figura moderna da mulher. Se analisarmos de uma forma um pouco mais aprofundada, iremos perceber o tratamento que as mulheres recebiam em tempos anteriores, de seres frágeis e submissas.

¹³

Fonte: Glória (Hipopotoma) da série de filmes Madagascar. Acessado em 07 de Abril de 2013. Disponível em: <http://www.fantasymundo.com/galeria/imagen.php?imagen=772>.

Melman: a girafa hipocondríaca



FIGURA 11: Melman, a girafa da série de filmes Madagascar.¹⁴

Melman é uma girafa hipocondríaca, vive tomando remédios, fazendo exames periódicos, faz acupuntura, é todo preocupado com questões de higiene, com medo que venha a contrair uma nova doença.

Um dos principais motivos de não querer deixar o zoológico é o plano de saúde que ele tem lá, o medo de não continuar tendo os mesmos privilégios em outros lugares o assusta. Tanto que ele se recusa a usar a saúde pública devido à demora e a precariedade no atendimento oferecido.

Da mesma forma não quer ir para a “natureza selvagem” pois lá não existiria condições básicas de higiene, tudo seria muito sujo e precário - o que poderia agravar seu estado de saúde. Melman é tão neurótico no filme com as doenças, que no dia da visita, em uma sexta

¹⁴ Fonte: Melman a girafa da série de filmes Madagascar. Acessado em 07 de Abril de 2013. Disponível em: <http://sabrinnissima.wordpress.com/2009/10/06/desejo-do-dia/>.

feira, ele não quer sair para se “exibir”, pois percebeu que mais uma mancha marrom teria surgido em seu ombro...

Os Macacos...

Outro perfil de personagens traçado no filme é o dos macacos. Estes primatas, que catam coisas do lixo, são mostrados como figuras desprovidas de capacidade intelectual, sujos, tanto que em uma parte do filme, mais precisamente na estação central eles falam em “jogar caca no homens”. E, se formos parar para pensar... eles seriam os animais mais próximos de nós seres humanos, que são retratados no filme. São os preguiçosos, que dormem a maior parte do tempo. No dia do aniversário de Marty, quando seus amigos vão cantar o “parabéns”, os demais companheiros falam que algo “tem cheiro de macaco”, colocando os macacos como animais sujos, que fedem e que ninguém gosta de estar perto. Tanto que na visita ao zoológico, não é mostrado nenhum ser humano visitando o local onde estão os primatas. Todos os demais animais recebem visitas, Marty, Melman, os pinguins, Glória e Alex, menos os macacos, que não despertam “interesse” em ninguém.

4.2 A Humanização dos Animais: que humanos são estes?

As quatro personagens principais, de uma forma geral, constituem diferentes personalidades humanas. Afinal, todos eles possuem algumas características que remetem às personalidades e modos de viver humanos. São de forma externa animais, mas com “alma” de seres humanos, aspecto que permeia muitas das animações sobre animais na atualidade.

Uma das questões-chave desta primeira parte é a da vida que estes animais levam no zoológico. Mas não é qualquer representação de estilo de vida humano, mas sim um estilo de vida que não condiz com a grande maioria da população. Pois, quem teria condições de ter um tratamento particular como Melman tem? Com médicos em domicílio? E veja bem, no filme não são retratados como biólogos ou veterinários que realmente trabalham com animais, mas sim um médico, aquele que

é responsável por cuidar da saúde humana. Melman faz tomografias, que é um exame extremamente caro, e ao qual nem todos tem acesso por meio da saúde pública.

A comida que eles recebem é aparentemente de alta qualidade e farta. Servida em bandejas em estilo inox, com o desenho de cada um deles. Trazidas em carrinhos que nos lembram o estilo de servir de hotéis de luxo. Desta forma fica perceptível que as personagens possuem um estilo de vida condizente com, minimamente, a classe média alta.

Mas não são somente as quatro personagens principais que são apresentadas com características humanas. Os lêmures, que não tiveram contato com seres humanos vivos, da mesma forma que os animais do zoológico, são retratados através deste processo de humanização. Vejo um retrato deste grupo de animais (lêmures) como sendo um grupo diferente dos outros animais. Eles são ingênuos, com vestimentas “carnavalescas,” vivem em festas, tem medo de “tudo”, mas são ao mesmo tempo, generosos. É possível estabelecer uma analogia entre a representação destes animais e como eram pensados, ou retratados os índios, ou outras culturas tribais, em diversos filmes. O mito do “bom selvagem” permeia as imagens destes animais, que vêm nos animais do zoológico aqueles que vieram para salvá-los das fossas (seus predadores), assim como poderiam ser vistos os colonizadores que iam às Américas e Áfricas para “civilizar” os “selvagens”.

Outra coisa que chama a atenção é o retrato da única mulher protagonista do filme: Glória. Em primeiro lugar, ela é a única mulher de destaque! Há algumas lêmures, mas estas são personagens coadjuvantes que aparecem apenas no momento em que há uma dança, como “enfeites”, muito parecido com as mulheres que “animam” os programas de auditório da atualidade. Já Glória, aparece desde o início do filme, dançando balé, se “exibindo” de forma dócil e delicada. De uma mesma forma que historicamente vem sendo construído um esteriótipo de mulher: um ser frágil, que acaba por não tomar a frente de decisões, ou liderar algo. Sua responsabilidade no filme de uma forma geral é fazer a mediação dos conflitos entre as demais personagens homens, nas situações em que há algum problema, ou críticas, para que possam ser resolvidas e, enfim, os homens possam entrar em ação, sendo os que “se movem”.

Esse então seria o papel que a Glória faz no filme. Um papel de “mãe”: que resolve tudo, cuida de todo mundo. Tanto que ela não toma a frente no filme, nas mais variadas situações, sendo sempre essa tarefa destinada aos seus companheiros. É o papel que muitos acreditam que ainda hoje a mulher deveria desempenhar. Apesar de termos atualmente inúmeras representações sobre as mulheres, no filme estes são os modelos que se destacam.

Melman, a girafa, também tem uma personalidade que vale a pena ser problematizada. Na grande maioria do tempo em que está no zoológico, Melman está fazendo exames. Ele vive à base de remédios e de tratamentos de saúde, por considerar que possa ficar doente... Trazendo esse fato para análise, podemos nos perguntar qual o caminho que a nossa sociedade está tomando? Assim como Melman, muitas pessoas na atualidade, acabam por substituir um prato de comida saudável, por um “coquetel” de medicamentos. Ou ainda, não comem os alimentos, pois podem “engordar”. Mas consomem cápsulas de vitamina, proteínas, entre outros elementos, industrializados para suprir aquilo que seus corpos necessitam... no filme, o consumo exagerado de medicamentos pode ser visto tanto como algo “natural” (como se isso já fosse um fato normal em nossa sociedade), quanto como um apontamento (no sentido de colocar em evidência, em destaque) e uma crítica, já que este modo de viver, estas “manias” de Mellman são bastante ironizadas e exageradas.

Sobre as representações de humanização dos macacos, foi possível perceber também uma certa crítica à nossa sociedade e, até mesmo, o estabelecimento de uma relação preconceituosa dos protagonistas em relação a estes primatas. Durante o parabéns de Marty, os três amigos, Alex, Glória e Melman, fazem a seguinte colocação: “pinta de gorila, e cheiro de macaco”. Bom uma das possibilidades e interpretações poderia ser a questão, da personificação, ou melhor das características humanas que Marty tem. Afinal, acredita-se que o homem tenha evoluído a partir de uma linhagem de primatas. Porém, no filme, após essa colocação, aparecem os dois macacos que estão na jaula e um deles fala “que audácia”, enquanto o outro cheira o sua própria axila e desmaia... em quase todos os momentos que aparecem, estes animais fazem coisas que normalmente consideramos desagradáveis.

No filme, os macacos são os animais mais próximos dos seres humanos evolutivamente, e são justamente aqueles que aparecem pouco,

gostam de jogar “caca” nos outros e catam coisas no lixo para se alimentarem, vivendo sempre presos na jaula. O leão, sobre o qual se tem a ideia de ser um animal mais feroz e que representaria um maior “perigo” aos visitantes, aparece numa jaula mais aberta, dando a impressão de ter condições de fugir caso desejasse. Uma imagem diferente do que vemos na grande maioria dos zoológicos, onde os leões ficam em jaulas ou cercados mais fechados e os macacos mais livres, geralmente cercados em uma ilha. Esta diferenciação poderia ser interpretada como o “homem” (representado por seus “parentes mais próximos”) sendo um animal desagradável, sujo, mal-educado, devendo ficar afastado dos demais animais.

Por último, mas não menos importantes, os pinguins são organizados de maneira militar ao longo da trama. O comandante é responsável por manter a ordem da equipe, dar as instruções de como agir de cada recruta (forma como o comandante chama os demais pinguins). Eles são tão organizados que conseguem criar estratégias para fugir do zoológico, utilizando um túnel subterrâneo. São eles que conseguem reverter a viagem que levaria os animais para uma reserva do Quênia, para a ilha de Madagascar. Eles nos fazem lembrar de uma organização de um quartel, a hierarquia, o respeito a quem está no comando.

4.3 Zoológicos: Espaços de Educação Ambiental?

Com exceção de Marty, que quer descobrir e conhecer “a selva”, instigado por pinguins que acreditam que o zoológico “não é natural”, os outros animais parecem estar felizes com a vida que levam naquele ambiente. É como se estivesse uma legenda implícita no filme: “animais podem ser e são felizes em zoológicos”.

Logo no início do filme, Alex acorda todo entusiasmado e acorda seu colegas, aparentemente feliz por aquele ser um dia de visita da escola. Ou seja, uma visita de alunos de escolas próximas. Por isso creio que seja importante discutirmos: o zoológico pode ser considerado um espaço de educação ambiental? De que forma podemos pensá-lo através das representações de Madagascar?

Algumas pessoas defendem a ideia de que os zoológicos são considerados um espaço em que prevalece o cárcere dos animais

selvagens/silvestres. Os defensores dessa linha alegam que o cárcere de animais em zoológico é um ato de extrema crueldade, e que possui por finalidade o entretenimento dos seres humanos, para que dessa forma a ideia de cárcere passe aos olhos dos humanos como algo “natural” e “normal”. Mas como o filme vem a retratar questões como essas?

Percebo uma tentativa de desmitificar essa ideia de zoológico como espaço de cárcere o qual desempenha crueldade com os animais que ali se encontram. O filme tenta retratar que o zoológico é um espaço no qual os animais se sentem bem, tanto que Marty quer sair do zoológico para poder conhecer a vida na selva, mas não por outras questões relativas ao “cárcere”.

Welmam, por exemplo, adora o zoológico por oferecer um plano completo de saúde. Os animais de uma forma geral possuem tratamento de beleza, refeições de alta qualidade. Diferente do que comumente imaginamos, no filme a comida de cada animal é trazida em bandejas de prata, servida por uma pessoa uniformizada como que para lembrar o mais rico e desenvolvido ambiente de alimentos. Muito diferente de uma ideia na qual as pessoas responsáveis pela alimentação dos animais em zoológicos apenas “jogariam” ou deixariam lá os alimentos.

Os espaços nos quais os animais ficam, nem de longe nos lembram uma jaula: são adaptados de modo a aquecerem o ambiente, tais como o de Alex. Esses são alguns exemplos de elementos retratados no filme que nos ajudam a construir a ideia que os animais estão felizes, desmitificando o zoológico como um espaço cruel com os animais. Todos os animais, com exceção de Marty e os pinguins (que são retratados como “psicóticos” no filme), querem permanecer no zoológico por considerarem que aquele é um local ótimo para se viver, cheio de mordomias.

As cenas do início do filme com a personagem Alex podem nos remeter a um retrato de um *reality show*. Pois ele sente prazer e divulga o fato do seu local ter câmeras 24 horas por dia. E que as pessoas poderiam acompanhar de suas casas, o que ele estaria fazendo em tempo real. Analisando o filme por este ângulo, os animais aparecem logo no início do filme se exibindo para os seres humanos e, pela aparência do fato em questão, eles gostam desta exibição. Todos fazem poses e se exibem para as câmeras a fim de serem fotografados, como se fossem modelos posando para fotos de uma campanha.

Guimarães e Silva salientam

(...) que o zoológico nos parece ser um lugar importante na conservação das espécies, podendo

figurar como um espaço adequado para a educação ambiental, mas muitas vezes eles são encarados quase que como um circo. O filme Madagascar reafirma, a nosso ver, essa ideia. Nele, nós vemos os animais se exibindo, se “apresentando” em recintos pobres, ou seja, em lugares de que os animais dificilmente poderiam efetivamente se apropriar, pois são apertados e gradeados (GUIMARÃES & SILVA, 2009, p. 41).

Mediante o exposto, fica claro que os autores acima citados acreditam na utilização do zoológico como espaço de educação ambiental. Mas o que eles salientam é uma realidade nos dias atuais, o fato do zoológico ser tido na maioria das vezes como um espaço no qual os animais servem ao entretenimento dos visitantes e não tanto à conservação da sua espécie, ou para seu bem-estar naquele local, ou para um espaço efetivo de educação ambiental.

São vários os exemplos de ensino que poderiam se estabelecer pensando no zoológico e educação ambiental, aliás não apenas com educação ambiental, mas com o ensino de ciências e/ou biologia de uma forma geral. É um espaço no qual os alunos podem ver/analisar e compreender na prática fatos que geralmente eram tidos somente em teoria. Ser sensibilizados em relação às questões éticas no que diz respeito às nossas relações com outros animais. Compreender suas necessidades, hábitos, etc.

No filme esses animais, são uma representação, a meu ver, daquilo que antes ocorria nos circos. Animais vivendo em lugares que são praticamente incompatíveis com o seu desenvolvimento e bem estar. Mas que estão ali para “arrancar” gargalhadas, risadas, e palmas do público que veio para esse ambiente. Ao mesmo tempo, pelas representações do filme, sem uma problematização, isso não é explicitado ao telespectador, mas o contrário: parece-nos que os animais realmente gostam daquela vida.

E mais, o filme mostra que o zoológico pode ser tido como um espaço no qual os professores levam os seus alunos para se “divertir” ao custo do cárcere dos animais, mas tendo a desculpa de fazer um passeio de cunho educativo. Ou seja, é uma forma de tornar a educação, cúmplice desta prática e não uma prática que visa à problematização da mesma.

4.4 A Natureza no filme Madagascar

Há três cenários mostrados no filme: o primeiro é zoológico, o segundo a cidade em que o zoológico está e, o terceiro, a ilha de Madagascar, que representaria a “natureza selvagem”, ou “a selva”, dependendo se assistimos a versão legendada ou dublada do filme, respectivamente. Entendo essas divisões como partes que de forma conjunta compõem o meio ambiente narrado neste vídeo.

Nova York é mostrada como um lugar exuberante, com várias coisas lindas, que encantam Marty na sua jornada e busca em direção à Estação Central. O brilho nos olhos de Marty, é algo que os visitantes de Nova York possuem. E são pessoas “civilizadas”, tanto que o cavalo do guarda com o qual Marty mesmo conversou, falou que ele deveria esperar o sinal abrir. O que a meu ver vem retratar os Estados Unidos como um país “mais desenvolvido” culturalmente. E um país rico. Tanto que a estação central é mostrada com cores que lembram o ouro, símbolo de riqueza.

O filme se inicia com Marty sonhando que corria na selva em direção a um lago. Ele se balança em uma corda ou cipó, no “estilo Tarzan”, salta e corre com um sorriso que vai tomando conta do seu rosto, conforme percebe e vai ficando visível o lago azul reluzente à sua frente, que ele tenta alcançar.

Logo no início do filme, Marty aparece correndo feliz pela “natureza”.



FIGURA 12: Marty logo no início do filme correndo pela natureza¹⁵.

A imagem acima, foi retirada de um site de busca, mas corresponde à imagem do início do filme acima relatada. O que chama a atenção nessa parte é o sorriso e o brilho no olhar de Marty, sinais de um “transe” de felicidade.

Mas, em seguida este transe desaparece quando percebemos que Marty estava correndo sobre uma esteira que se encontra no seu espaço no zoológico, olhando para uma imagem que se encontra na parede algumas zebras, sendo que estas sim estavam na “natureza selvagem”. Não eram as únicas na imagem, porém eram os únicos seres vivos que de acordo com a observação da imagem, nos refletiam a ideia de movimento.

O que é relevante, é o fato de como Marty imaginava a natureza antes, quando ainda estava no zoológico, e quando ele chega de fato a esta natureza. Sua visão antes era um tanto quanto idealizada,

¹⁵ Fonte: Marty correndo pela natureza, uma das cenas que aparecem logo no início do filme. Acessado em 15 de Abril de 2012. Disponível em: <http://minilua.com/animacoes-que-marcam-epoca-madagascar/>.

provavelmente estimulada pela pintura à sua frente, Marty se imaginava correndo sozinho pela natureza, na qual poderia usufruir de tudo o que lá existiria, sendo que não existia outros animais além dele, isso de acordo com a imagem que ele projeta, que podemos chamar de “sonho” no início do filme. Tanto que quando Alex começa a aparecer e fica à sua frente, lhe dá um susto e o sonho acaba.

Tenho a impressão com isso de que Marty não imaginava que a natureza selvagem pudesse ser habitada por outros animais. Apesar de ser algo “natural”, pois ocorre com frequência nestes ambientes, mas será que Marty imaginou em algum momento que a natureza poderia oferecer “perigos”? Afinal, assim como as zebras consomem vegetais para a sua sobrevivência, outras espécies de animais consomem carne para se alimentarem. Pois a natureza não é habitada unicamente por uma espécie.

Acredito que Marty tinha uma visão idealizada de natureza: uma visão romântica. O que reflete isso, ou melhor, nos fornece a sensação de romantismo é o por do sol, o verde, a ausência de perigos, a ideia de um retorno ao verde e da “felicidade” deste retorno. Visão esta que pode ser tanto comparada àquela proposta por Rousseau, mas, também, uma visão na qual Marty se mostra apaixonado pela natureza idealizada por ele, ou seja, aquela que ele imagina.

Marty chega a ilha de Madagascar “surfando sobre golfinhos”. Com exceção de Glória que não parece levar um “susto” também, Marty é o único que chega na ilha e não sofre um certo impacto como os seus demais colegas. Parece que consegue ter uma boa sintonia com aquele ambiente.

A Ilha de Madagascar não possui construções, não possui sinais de seres humanos. É representada por uma mata exuberante, pelas praias, pequenos rios, por outros animais. É também local de “perigo”, como as “fossas” e outros animais e plantas que podem atacar as personagens principais.

As fossas são mostradas como animais selvagens, tal como pode ser percebido na imagem seguinte,



FIGURA 13. Fonte: As fossas da serie Madagascar. ¹⁶

A imagem abaixo retrata bem a expressão dos amigos quando chegam a ilha de Madagascar e o medo evidente em seus rostos com os perigos da floresta.

¹⁶ Fonte: As fossas do Filme Madagascar, Imagem do Blog Florestas Tropicais. Acessado em 25 de Maio de 2013. Disponível em: <http://www.legendalibras.com.br/escola/ciencias/biomas-florestas-tropicais.html>.



FIGURA 14: Os animais chegam a Ilha de Madagascar.¹⁷

As próprias plantas oferecem perigo, como na imagem abaixo em que Melman fica preso nelas.

¹⁷ Fonte: Os animais chegam a Ilha de Madagascar. Imagem encontrado no blog “ e tudo leva `a pericia. Acessado em 24 de Maio de 2013. Disponível em: <http://tudolevaapericia.blogspot.com.br/2012/06/animais-alcancaram-madagascar-em-barcos.html>.

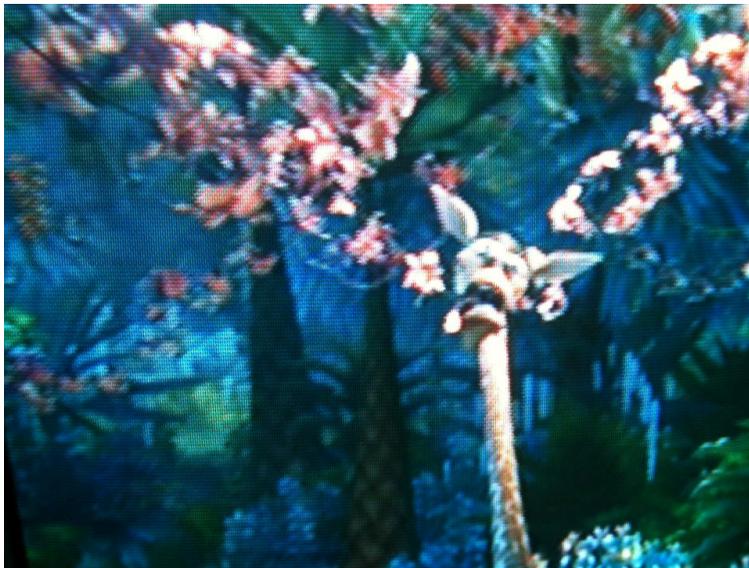


FIGURA 15. Melman preso em meio as plantas.¹⁸

Os nativos da Ilha, os lêmures.

¹⁸ Fonte: Arquivo pessoal.



FIGURA 16: Os nativos da Ilha de Madagascar: os lêmures. ¹⁹

Para o leão, é um local em que conhece a fome e, em decorrência desta, passa a ressignificar seus amigos, vendo-os como alimento. Pois enquanto estava no zoológico, Alex não “sentia” fome. Pois, sempre tinha o seu alimento garantido, não necessitando buscar e correr atrás deste. Enquanto que na “natureza”, ele já não ganhava mais o seu alimento como de costume e, seus instintos naturais, os de sobrevivências. Que fizeram com que Alex visse seus amigos como alimento, ou seja, aquilo que poderia saciar a sua fome: a carne.

4.5 Sociedade *versus* Natureza

Bom, até o presente momento, muito foi discutido já sobre questões relacionadas com natureza, homem e sociedade. Mas algumas coisas ainda merecem, ou acredito que mereçam um pouco mais de aprofundamento. Tais como, Melman, Glória e Alex, saíram do

¹⁹ Fonte: Arquivo Pessoal.

zoológico porque queriam ir para a natureza? Ou melhor saíram do zoológico porque queriam? Afinal, a natureza foi um “acidente”, pelo que o filme nos mostra.

Quando os animais saem do zoológico alguns “conflitos” começam a surgir. Um dos primeiros é Alex tentando telefonar para pedir ajuda. Alex fala de forma “normal”, porém o telefonista do outro lado da linha não entende nada do que está acontecendo. Tanto que ele acha que é um “ruído” no telefone.

Quando os animais estavam no zoológico, todos adoravam-nos, chegavam perto e não tinham medo. Mas quando eles estão soltos, o pânico é geral. Por quê? Quando os animais estão presos eles são seguros, porque em tese não podem fazer mal ao ser humano? Mas quando estão à solta, eles podem? Há uma ideia de que animal seguro é aquele que está no zoológico preso, ou solto na natureza selvagem. Mas está “longe” do ser humano. Evidencia-se desde então esta separação: homem x animais “selvagens”.

Os animais à solta pelas ruas provocam vários desastres, tanto que ao sair do metrô, batem e quebram uma bateria. Quando chegam à estação central não conseguem caminhar pelo piso e acabam por escorregar, batendo em várias coisas. Melman destrói o relógio. E quando os animais são cercados por um grupo da SWAT, é como se eles fossem algo extremamente perigoso. Tanto que é feito um círculo com homens armados em torno dos animais e nenhum deles quer se aproximar dos animais para disparar um dardo tranquilizante. O único que se aproxima, treme, e treme muito. O que evidencia de uma forma bem clara o medo que este homem tem dos animais. Mas os próprios animais não compreendem isso! Pois, para eles, domesticados, acostumados aos humanos desde sempre, os humanos não deveriam tratá-los daquela forma. É possível dizer que, de uma maneira bastante bem-humorada, o filme problematiza a questão da domesticação de animais selvagens, tornando explicitado algo que temos como naturalizado: a ideia de que qualquer animal selvagem atacaria seres humanos e deveria ser temido.

Alex tenta se comunicar com os homens ao seu redor, porém sua comunicação é ouvida como um “rosnar selvagem” e não como uma comunicação efetiva com resultados positivos como Alex gostaria e imaginava que aconteceria. Esta imagem pode ser vista como uma

analogia para a ideia de que não nos compreendemos, espécies diferentes que somos...Quando os animais já estão em “caixotes”, destinados a uma reserva do Quênia, um grupo de ativistas que está perto deles, manifestando apoio aos animais e ao fato de que não deveriam ser mantidos em cativeiro e que, imagina-se gostem e tenham uma certa empatia com os animais, saem correndo quando Alex acorda. E dois guardas que estavam do lado de fora do caixote para controlar os animais, atiram mais dados tranquilizantes, enquanto as pessoas que estavam naquele local também saem correndo.

A cidade de Nova York, é representada com poucas cores, dando a sensação de “apertada”, com lugares pequenos, cercados por prédios, mas possui em seu coração um zoológico, que não lembra muito um zoológico tradicional, ou aqueles que construímos uma imagem ou acreditamos que seja um zoológico de fato. Mas o que busco resaltar aqui é a diferença entre a cidade e a “selva”. Na natureza existe uma explosão de cores, uma floresta em estilo tropical, com um amplo espaço, na qual poderia-se comparar os prédios da cidade com as árvores, as quais possuem os tamanhos mais variados. A floresta parece “intocada” por humanos, tanto que não vemos nenhum resquício da ação do homem. A única coisa que lembra o homem, ou melhor que marca a sua presença naquele local, seria um avião preso no alto de uma árvore, e dois esqueletos de homens que tentaram se salvar da queda do avião, dependurados pelos paraquedas presos na árvore, e mais alguns esqueletos dentro do avião.

Os lêmures são alguns dos animais endêmicos daquele local que também aparecem como personagens do filme. Há também uma aranha, que assusta Alex que, ao gritar e correr, acaba por espantar as fossas (outro conjunto de animais endêmicos do filme). As fossas, segundo Guimarães e Silva (2009; p. 42)... (animais endêmicos de Madagascar, os maiores predadores do local) são representadas como “o mal”. No filme elas possuem tons de pelagem mais escuros e vivem em um local sombrio e rochoso. Para aumentar a “sensação” de selvageria, são os únicos personagens que não falam. Eles apenas se expressam colocando a língua para fora, arregalando os olhos, curvando as sobrancelhas. Então concluímos que os “maus” do filme são os únicos que agem como animais, formando uma

ideia de que os humanos (ou os personagens humanizados) são os bons e os “animais” são os “maus”.

Os autores evidenciam que, diante da humanização dos animais que temos no filme, os seres que se comunicam mediante a linguagem falada (representantes de personalidades mais “humanas”) seriam os seres “bons”, enquanto que aqueles que não “falam como humanos” seriam os “maus”.

Os quatro amigos questionam os lêmures sobre os “homens” e estes apontam aqueles esqueletos que estão presos às árvores. Quando Alex questiona se eles não teriam “homens” vivos, Maurício (um dos lêmures) responde que não, pois “se existissem muitos homens vivos naquele lugar, este não se chamaria de natureza”. Fica evidente aqui, uma separação entre homens e natureza. Guimarães e Silva (2009) também ressaltam em seu artigo que “o filme até mesmo afirma que *homem e natureza não conseguem coexistir*” (p. 42).

A resposta adotada por Maurício é uma das representações da grande maioria das pessoas. Como no início do presente trabalho, quando discutimos o que era natureza, e meio ambiente, a visão que a grande parcela da população tem é exatamente o que filme reforça, a separação, ou dicotomia entre o ser humano e a “natureza”. É um ponto a ser discutido, ainda mais se passarmos a considerar que o público alvo de filmes de animação na grande maioria é de crianças que ainda estão em formação. O filme acaba por reforçar uma ideia antropocêntrica de natureza e mais, de que não fazemos parte da natureza.

Assim como Guimarães e Silva (2009, p. 42) ressaltam que essa fato “*incomoda bastante e, mais que isso, parece impedir que o quadro mundial de degradação do ambiente se reverta*”, acredito que um discurso como esse vai de encontro a uma política voltada para o desenvolvimento sustentável, na qual se deseja contruir uma sociedade mais eticamente relacionada, às florestas e aos demais animais com quem convivemos neste ambiente.

É como se existisse um rio que dividisse “natureza” e “homem”. Caso seja construído essa ponte, o discurso que se faz, ou é defendido pela linha que o filme trabalha, seria o caminho para a destruição da

natureza. Pois o homem iria explorar, degradar, “retirar”, as coisas da natureza, e com isso ela “acabaria”.

E os famosos “instintos selvagens”, como geralmente aprendemos que os animais da floresta tem, como ficam, ou melhor, são representados no filme? Alex por exemplo, não consegue se adaptar a comer vegetais, seu corpo parece não “gostar” do que esta ingerindo. Até o momento em que algumas atitudes consideradas “estranhas”, pelos seus amigos começam a acontecer com Alex. Como por exemplo, estar sonhando com um succulento bife, e acordar lambendo Marty. Ou imaginar que todos os animais perto dele, são bifes.

Segundo Guimarães e Silva (2009; p.: 43)

Depois de um tempo na floresta, Alex tem seus instintos aguçados e começa a se sentir cada vez mais selvagem. Sente uma incontrolável necessidade de caçar e, a princípio, gosta de viver na floresta. É interessante como a sua fisionomia se altera quando ele deixa de ser “um cara da cidade” e passa a ser “um selvagem”: as pupilas ficam dilatadas, os olhos arregalados, os movimentos mais ágeis, a juba “descabelada”, os bigodes desarrumados. Fica caracterizado como um “selvagem”, porém desleixado, talvez meio louco, mas, com certeza, alguém que não se ajusta aos padrões de um leão urbano bem comportado de zoológico. Alex percebe que aquela intensa ativação dos seus instintos, que levou à aquisição de características mais animais do que especificamente humanas, o faz prejudicar seus amigos e, então, ele se isola construindo uma cela para si mesmo. Novamente o animal-selvagem é visto como “mau” e como algo que não se permite conviver com os seres humanos, com a modernidade, com a civilização. Novamente a jaula e a exclusão aparecem como símbolos de controle de tudo aquilo que não nos serve e que não está nos nossos padrões urbanos e humanos (GUIMARÃES & SILVA, 2009, p.: 43).

Os autores ressaltam a diferença entre civilizado e selvagem, assim como o filme, era como se ambos não pudessem e não podem conviver ao mesmo tempo. A impressão que se tem é que o selvagem é o “feio” e, o civilizado é o “bonito”. Tanto que Alex no início do filme, quando estava em um local “civilizado” sua juba era escovada, recebia tratamento de beleza, agora que está no “selvagem”, o mesmo já não acontece. E sua “beleza” vai se perdendo. Assim o animal “selvagem” é o “mau”, enquanto que o animal “humanizado/civilizado” é o bom, o legal, aquele que todos gostam.

Quanto à ideia de Alex começar a ver os seus amigos como comida, é possível estabelecer uma relação com uma ideia de biologia determinista, na qual acredita-se que os animais apresentam e retornem sempre ao mesmo comportamento “inato”, que seria geneticamente determinado. Pois não podem “modificar” seu comportamento pois não tem “cultura”. Desta forma, os animais não poderiam construir algo novo, quando passam a conviver com os seres humanos.

Mas será que todos os animais carnívoros, assim como Alex, serão sempre carnívoros? De acordo com filme, podemos dizer que sim. Mas, no filme existem várias tentativas de “readequear” a alimentação de Alex, para se tornar um consumidor de vegetais, mas seu organismo “sente a falta da carne”. Ao final do filme, este problema é “solucionado” pois a carne é substituída por peixes, quando os pinguins fazem “sushi” para que todos comam. Alex, come e gosta. A meu ver, a ideia que o filme tenta mostrar é que animais carnívoros tais como Alex podem deixar de comer “carne” e comer “peixe”. Como se peixe fosse algo diferente, não fosse “carne”. Vejo a representação do peixe que serve de base para o sushi como algo “insignificante”. Afinal, desde que Alex não coma nenhum dos seus amigos, comer peixe estaria dentro dos padrões aceitáveis – mas este não é outro ser vivo? Outro animal? Estas, dentre diversas outras questões foram levantadas através das análises, sendo pertinentes à educação ambiental. Muitas delas poderiam contribuir para o desenvolvimento de práticas que envolvam este artefato em situações de ensino: afinal, seria possível o homem continuar a se “desenvolver” sem “agredir” o meio ambiente/natureza como vem fazendo atualmente? E será que existe realmente uma forma de se “desenvolver” em harmonia sem destruição do meio ambiente? O que a mídia vem construindo no que tange a essa questão? Por quê nos vemos de forma diferenciada de outros animais? Por quê nos sentimos “incomodados” frente ao que chamamos de natureza? Fazemos parte

dela? Que relações desenvolvemos em relação a outros organismos, outros espaços? Devemos comer carne? E peixe? Por quê? Devemos manter os zoológicos? Devemos ter espaços “intocados” pelos seres humanos? Como é possível perceber, existe uma gama de perguntas que podem ser feitas aqui e trabalhadas apenas a partir deste filme. As análises, ao contrário de finalizar certas questões, colocaram em evidência mais perguntas, o que aponta o potencial deste filme como problematizador das relações entre Sociedade e Natureza. Mais do que nos mostrar o significado de Natureza, o filme nos ajuda a compreender contradições de nossa cultura, como as imagens de “civilização” em contraste com as de “selvagem”, as ideias sobre os papéis atribuídos às mulheres de forma tão naturalizada, as ideias sobre nossa alimentação, sobre quem é “bom” e quem é “mau”.

Sendo o filme Madagascar um artefato que parece ter como principal público as crianças e adolescentes (apesar de existirem adeptos do gênero de animação das mais variadas idades), porém, torna-se importantíssimo um trabalho pedagógico que busque problematizar estas visões colocadas como “dadas”. Por ser “engraçado” e divertido, as animações conquistam facilmente esse público jovem, além de serem alvos fáceis para as propagandas e publicidades de matérias que venham a ser comercializados utilizando o filme, tais como bonecos, ou promoções em que estejam presentes as caricaturas dos seus personagens preferidos. Outro fator que faz com que as crianças e adolescentes consigam se identificar com o filme é o uso de gírias e expressões típicas desse grupo no filme. Que são exatamente aquelas utilizadas por esse grupo, fazendo com que os espectadores consigam se sentir parte daquele contexto. Dessa forma o filme dita “moda”. Tanto que no período em que foi lançado se tornou uma “febre”.

É interessante destacar mais algumas perguntas para um trabalho pedagógico sobre este filme: questionar como a mídia vem tratando a questão de meio ambiente/natureza nos mais variados meios de comunicação. Quais as críticas que esses filmes fazem à realidade? Que visões/concepções busca adotar? Quais as estratégias de ensinamento que ele busca ou tenta fazer no decorrer da construção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Geralmente a primeira coisa que fazemos quando nos deparamos com um audiovisual é mantermos a nossa atenção naquilo que se encontra de forma explícita. Afinal, somos conduzidos para isso, por meio de estratégias que tem a finalidade de nos “prender” naquilo que é desejado para o espectador. Existe uma sequência lógica de imagens para que nos mantenhamos presos aos objetivos da equipe de produção daquele material. O suspense, a aventura, são elementos presentes nos audiovisuais e não poderiam deixar de estar presentes no filme Madagascar.

Mas fazendo uma “leitura” do filme, conseguimos perceber algumas coisas que ao primeiro olhar podem não estar ainda “nítidas”, ou tão visíveis, como as concepções de natureza. O zoológico é mostrado como um lugar maravilhoso, em que se trata bem os animais. Estes possuem uma vida com certas “agrados” que não condizem com uma grande parcela da população. Na verdade esses animais são tratados da forma como seria tratada uma população “rica”, o que fica evidente quando pensamos em planos de saúde, comida em bandeja de prata, tratamento de beleza.

O filme retrata a natureza como sendo um espaço em que o homem não pode fazer parte. Uma imagem que se poderia construir em última instância é que o ser humano causaria a destruição da natureza. Caso existissem homens na natureza, que é mostrada quando os animais chegam à ilha como uma variada forma de árvores, das mais variadas dimensões, uma explosão de cores, esta se transformaria na “civilização”, representada pela cidade onde estes animais viviam no zoológico. Talvez, caso o homem habitasse aquele lugar, ele seria retratado como o zoológico, e o ambiente que o cerca. Um lugar com poucas cores, pouco “verde”, características do que muitos veem a chamar de “selva de pedras”, ou seja, o predomínio do ambiente artificial e não de um ambiente natural como aquele que é mostrado na ilha de Madagascar.

Esses são alguns dos elementos que foram discutidos durante as análises, e que apontam para a importância deste filme como um material que venha contribuir para a discussão das relações entre Sociedade e Natureza em práticas de educação ambiental. As discussões

aqui mostradas podem, além de serem tratadas em disciplinas mais tradicionalmente relacionadas à educação ambiental, como a biologia e/ou ciências, serem trabalhadas como um tema transversal. Podendo-se adentrar na filosofia e sociologia, discutindo, por exemplo, a forma como os animais se relacionam com os seres humanos. As relações entre os humanos e os demais animais. As relações entre os humanos e outros humanos, entre outras possibilidades.

Mas o presente trabalho apresenta suas limitações: não foi possível aplicá-lo a um caso prático, ou seja, não foi possível trabalhar estas questões em sala de aula, ou em algum outro espaço de educação ambiental. Afinal de contas, essas são as leituras que eu realizei do filme que seriam diferentes das percebidas e discutidas por alunos, ou outros sujeitos envolvidos em uma prática de educação ambiental. Por isso mesmo, estas análises abrem a oportunidade para um trabalho pedagógico ainda a ser construído no sentido de compreendermos como outros sujeitos perceberiam os elementos aqui observados e descritos. Além disso, o trabalho é e pode ser utilizado como subsídio para analisar os outros dois filmes da série Madagascar. E verificar se essas concepções e formas como são representadas as relações entre natureza e sociedade, se modificam, ou se mantêm a mesma linha ao longo da trilogia.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ellen Maria Pestili de; COSTA-SANTANA, Patrícia Mariana & TONSO, Sandro. **O Papel da Literatura Infantil como Instrumento na Reflexão e Busca de Soluções dos Problemas Ambientais**. Ambiente & Educação, vol. 15(1), 2010, p. 207 – 227.

ALVES, Alda Judith. **O planejamento de pesquisas qualitativas em educação**. Cad. Pesq., São Paulo (77): 53-61, maio 1991.

ANDRADE, Elenise Cristina Pires de; SPEGLICH, Érica. **Imagens e Fabulas Ambientais: desejos, perambulações, fugas, convites**. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 6, n. 1 – pp. 123-137, 2011.

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudo de Caso: seu potencial na educação**. Cad. Pesq., (49) 51 – 54, maio 1984.

BONOMA, Thomas V. - **Case Research in Marketing: Opportunities, Problems, and Process**. Journal of Marketing Research, Vol XXII, May 1985.

COLLA, Rodrigo Avila. **O Cinema como Formação: possíveis caminhos para o uso de produtos cinematográficos na educação ambiental a partir de uma análise do fenômeno AVATAR**. Monografia de conclusão de curso de Especialização em Pedagogia da Arte. Porto Alegre, Abril de 2011.

CORREIA, Carlos Jorge da Silva; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. **O Meio Ambiente “Produzido” pelas ONGs: reflexões sobre a recepção das campanhas ambientalistas**. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 28, janeiro a junho de 2012.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.

FERRETTI, Nadia; CESAR-VAZ, Marta Regina. **A Educação Ambiental a partir da Valorações na obra “A ideologia Alemã”**. Ambiente & Educação, vol. 15(2), 2010. p. 51 – 67.

FELIPE, Delton Aparecido & TERUYA, Teresa Kazuko. **Narrativas Fílmicas na Educação Escolar: construindo processos de alteridade.** Seminário de Pesquisa do PPE, Universidade Estadual do Maringá, 08 a 09 de Junho de 2009.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: fruir e pensar a TV.** 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FIORILLO, Celso Pacheco. **Curso de Direito Ambiental Brasileiro.** 10 ed. Ver., atual., e ampl. - São Paulo: Saraiva, 2009.

FRANCO, *et. al.*, **Estudo de Percepção Ambiental com Alunos de Escola Municipal Localizada no Entorno do Parque Estadual da Serra Rola-Moça.** Ambiente & Educação, vol. 17(1), 2012, p. 155 – 175.

GOODE, W. J. & HATT, P. K. - **Métodos em Pesquisa Social.** 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

GUIDO, Lúcia de Fátima Estevinho; BRUZZO, Cristina. **Apontamentos sobre o Cinema Ambiental: a invenção de um gênero e a educação ambiental.** Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 28, janeiro a junho de 2012.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; ZIRMMERMANN, Narjara. **Práticas Pedagógicas Multiplicadoras de Sabres Sobre o Ambiente.** Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 28, janeiro a junho de 2012.

GUIMARÃES, *et. al.* **Tecendo Educação Ambiental e Estudos Culturais.** Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 5, n. 2 – pp. 73-82, 2010.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SAMPAIO, Shaula Maíra Vicenti & NOAL, Fernando Oliveira. **Educação, Meio Ambiente e Sustentabilidade.** Florianópolis, 2009.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; SILVA, Bruna Luiza da. **Planejamento de Ensino Entremeando Biologia e Cultura.** Ensino em Re-Vista, 16 (1): 33 – 45, jan./dez. 2009.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. **A importância da história e da cultura nas leituras de natureza.** Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG, 33 (1): 87 – 101, jan./jun., 2008.

IARED, Valéria Ghislotti; VALENTI, Mayla Willik; MARPICA, Natália Salan; LOGARESSI, Amadeu José Montagnni & OLIVEIRA, Haydée Torres de. **Coexistência de Tendências em Análise de Concepções de Educação Ambiental.** Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011.

MESQUITA, Nyara Araújo da Silva; SOARES, Márton Herbert Flora Lisboa. **Visões de Ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula.** Ciência & Educação, v. 14, n. 3, p. 417-429, 2008.

MICHELOTTI, *et. al.* **Filme AVATAR: Discutindo sua mensagem ecológica.** Universidade Luterana do Brasil- ULBRA- *Campus Cachoeira do Sul* 2010.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo a Escola.** Online, acessado em 18 de Maio de 2013. Disponível em: <
<http://www.eca.usp.br/moran/desafio.htm>>.

MORAN, Jose Manuel. **O vídeo na Sala de Aula.** Comunicação & Educação, São Paulo, (2): 27 a 35, jan/abr. 1995.

NETO, Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; AMARAL, Edna Maria Ribeiro do. **Análise de concepções e visões de professores de ciências sobre educação ambiental.** Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 6, n. 2 – pp. 119-136, 2011.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de. & ARAUJO, Rodrigo Michell dos Santos. **Império da Natureza, nomadismo ambiental: pedagogias culturais nas fotografias da revista National Geographic Brasil.** Pesquisa em educação ambiental, vol, 7, n. 1. – pp121 – 137, 2012.

OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; OLIVEIRA, Ivana Silva Sobral; BARRETO, Karla Fernanda Barbosa; SILVA, Elvis Lima Moura & SANTOS, Samantha Carvalho. **À BEIRA PISTA:**

intersecções do cinema em Educação Ambiental. Ambiente & Educação, vol (15)2, p. 1177 – 196, 2010.

PEREIRA, Vilmar Alves. **O Conceito de Natureza Como ponto de Partida na Pedagogia de Rousseau.** Ambiente & Educação, vol. 15(2), 2010. p. 69 – 90.

RAMOS, Elisabeth Christmann. **O Processo da Construção das Concepções de Natureza. Uma Contribuição para o Debate em Educação Ambiental.** Ambiente & Educação, vol. 15(1), 2010. p. 67 – 91.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini; WORTMANN; Maria Lúcia Castagna. **Ecoalfabetização: Ensinando a ler a Natureza.** Pesquisa em educação ambiental, v. 2, n. 2, p. 135 – 152, 2007.

SANTO, Eliane Ramos Espírito; SANTOS, Rozilda Ribeiro. **Contribuições das Histórias em Quadrinho de Chico Bento para a Educação Ambiental.** Revista Eletrônica Mestrado em Educação Ambiental. ISSN 1517-1256, v. 28, janeiro a junho de 2012.

SILVA, Flávio José Rocha da; ABÍLIO, Francisco José Pegado. **O Teatro do Oprimido como instrumento para Educação Ambiental.** Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 6, n. 2 – pp. 61-78, 2011, p. 61-77.

SILVA, Rosana Louro Ferreira da; CAMPINA, Nilva Nunes. **Concepções de educação ambiental na mídia e em práticas escolares: contribuições de uma tipologia.** Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 6, n. 1 – pp. 29-46, 2011.

SILVA, Silvana do Nascimento. **Concepções e Representações Sociais de Meio Ambiente: uma revisão crítica de literatura.** VII Enpec – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, 08 de Novembro de 2009.

SLONSKI, Gladis Teresinha. **Percepção Ambiental dos Professores dos Cursos Técnicos do IF-SC Campus Florianópolis – Continente.** Ambiente & Educação, vol. 16(1), 2011. Pp. 175 – 187.

TELLES, Andréia; ARRUDA, Marina Patrício de. **O Saber Ambiental de Todos Nós: uma visão romântica e naturalista impede-nos de reformar nosso pensamento sobre a relação ser humano-natureza.** Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 27, julho a dezembro de 2011.

VENTURA, Gabriela; SOUSA, Isabela Cabral Félix de. **Refletindo Sobre a Relação entre Natureza Humana, Valores Capitalistas e a Crise Ambiental: contribuições para a promoção da educação ambiental crítica.** Ambiente & Educação, vol. 15(1), 2010. p. 13 – 34.

WORTMANN, M. L. Da inexistência de um discurso unitário para falar da natureza. In: SCHMIDT, Sarai. **A educação em tempos de ização.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.